

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Gilmar Araujo de Oliveira

**Uma forma colorida de falar: estudo sociolinguístico do léxico gay
em Belo Horizonte - MG**

Belo Horizonte/MG

2023

A large, vibrant rainbow flag is positioned in the bottom-left corner of the page, extending diagonally towards the center. The flag's colors are red, orange, yellow, green, blue, and purple, and it appears to be waving in the wind. The background of the entire page is white.

Gilmar Araujo de Oliveira

**Uma forma colorida de falar: estudo sociolinguístico do léxico gay
em Belo Horizonte - MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral

Belo Horizonte/MG
Faculdade de Letras da UFMG
2023

O48f

Oliveira, Gilmar Araújo de.

Uma forma colorida de falar [manuscrito] : estudo sociolinguístico do léxico gay em Belo Horizonte / Gilmar Araújo de Oliveira. – 2023.

1 recurso online (83 f.: il., p&b, tabs., color.) : pdf.

Orientador: Eduardo Tadeu Roque Amaral.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 74-79.

Anexos: f. 80-82.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Variação – Belo Horizonte (MG) – Teses.
2. Mudanças linguísticas – Teses. 3. Sociolinguística – Teses. 4.
Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 5. Pessoas LGBTQ+ –
Teses. I. Amaral, Eduardo Tadeu Roque. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
FOLHA DE APROVAÇÃO

Uma forma colorida de falar: estudo sociolinguístico do léxico gay em Belo Horizonte - MG

GILMAR ARAÚJO DE OLIVEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 15 de setembro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Aroldo Leal de Andrade - Presidente da banca/representante do orientador
UFMG

Prof. Dr. Humberto Gomes Pereira
Faculdade Doctum de Juiz de Fora (DOCTUM)

Prof(a). Clézio Roberto Gonçalves
UFOP

Belo Horizonte, 15 de setembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Aroldo Leal de Andrade, Professor do Magistério Superior**, em 18/09/2023, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clézio Roberto Gonçalves, Usuário Externo**, em 18/09/2023, às 17:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Gomes Pereira, Usuário Externo**, em 20/09/2023, às 13:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2551914** e o código CRC **F6703FE0**.

Aos companheiros que muito contribuíram com essa jornada: Claudio
Mendes, Hudson Nando, Kainan Faislon.

A todas *as gays* que transcendem os padrões e normas impostas
socialmente, e utilizam a língua como mecanismo de afirmação, luta e
significados de quem são.

AGRADECIMENTOS

Em 2010, no primeiro semestre da graduação em Letras, me encantei pelo estudo das múltiplas formas que a língua assume em seu contexto social. Ali, relacionando a forma como meu grupo de amigos gays falava, me apaixonei pela ideia de poder estudar o modo como essa interação e significação da língua se dão. Fiz isso na minha monografia e, após quase oito anos, cheguei ao mestrado, através do incentivo de algumas pessoas e seres que me ensinaram “*o caminho das pedras*”.

Agradeço:

A todas as entidades e orixás que me fortaleceram no percurso, me encheram de coragem para desbravar a vida de pesquisador.

À minha orientadora da monografia do curso de Letras, na FACISABH, Gracinéa Oliveira, que abriu a agenda e o coração para me atender e ensinar como lutar por um espaço entre os estudiosos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao amigo Humberto Gomes - UFRJ, que leu e analisou meu projeto inicial, apontando caminhos e considerações para que a aprovação acontecesse.

Ao meu orientador do mestrado, Eduardo Amaral, fonte de inspiração, que abraçou o projeto e me ajudou a ressignificar e construir considerações que guardarei na mente, na vida e no coração.

À minha mãe, que mesmo sem saber o que é um curso de mestrado, foi constante ternura quando precisei estar no seu colo, com vontade de largar tudo.

Aos colegas do mestrado: Juliana, Luana, Welber, Maurício, Vinícius, Sineide, Marcos, que foram essenciais para que eu entendesse como é importante construir laços nos espaços por onde passamos.

À companheira do mestrado e amiga Gláucia Peçanha, por sempre se preocupar comigo e cuidar para que eu conseguisse cumprir os inúmeros prazos. Com quem partilhei alegrias e desesperos da vida de mestrando.

Ao amigo Giba Landim, por me aturar e ajudar quando eu estava em momentos de desespero.

À cidade de Belo Horizonte, por me propiciar entendimentos que vão do particular ao universal.

A todas e todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu concluísse mais essa etapa.

*“Tava no brega com as amigas
Quando eu olhei pro lado
Tinha uma roda de menina
Com um monte de viado!
Eles descia e subia
E falava: “é babado!”
E quando passava um boy, dizia
“Quendi, viado!”
Betty Faria?
Kássia Kiss!
Eu fico é morta!”.*

Dialeto Gay (música) - Byanka Nicole

RESUMO

Este estudo propõe reflexões sobre o léxico utilizado entre os gays masculinos, com idade entre 18 e mais de 50 anos, na cidade de Belo Horizonte - MG, utilizando uma amostragem de quatorze gays para a construção do corpus.

O objetivo é identificar e analisar, com base em entrevistas semiestruturadas, as lexias utilizadas na fala desse grupo, apontando mais uma forma de variação da língua, com fatos linguísticos que podem ser interpretados como características da fala gay. A hipótese levantada nesta pesquisa é a de que a fala utilizada por gays masculinos é uma marca social e de sexualidade, havendo necessidade de descrever os dados linguísticos usados por pessoas dessa comunidade. O trabalho se estrutura a partir do estudo de variação e mudança linguística, em uma perspectiva originada a partir de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), seguindo pela apresentação da variação linguística em nível lexical (BIDERMAN, 2001) além de um percurso histórico pela estruturação do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil (GREEN, 2019), perpassando pelos estudos sobre a chegada desse movimento em Belo Horizonte (MACHADO, 2007). O modo de fala de homossexuais é sinal de resistência e identificação social, visto que pessoas LGBTQIAPN+'s são discriminadas pela sociedade e utilizam inúmeras estratégias para sobreviver aos constantes ataques. Esta pesquisa, além de estudar os modos de fala dos homossexuais, pretende ser uma porta para a diminuição de preconceitos relacionados ao grupo em questão. Os gays, que fizeram parte desta pesquisa, se destacam socialmente pela forma que se expressam e são avaliados, diariamente, pelos seus interlocutores, e essas características de linguagem merecem a atenção deste estudo sociolinguístico, visto que o modo como os indivíduos falam, independentemente de cor, etnia ou orientação sexual, deve ser conhecido e, acima de tudo, respeitado. A identificação do léxico gay se deu através da realização de três entrevistas, com diferentes grupos focais através de um recorte etário (18 a + de 50 anos), das quais foram identificadas setenta e duas lexias, que revelam a busca por certa identidade cultural própria, fruto da discriminação que sofreram e ainda sofrem os gays. Elaborou-se uma planilha comparativa com informações colhidas de quatro dicionários de língua portuguesa e identificou-se que quarenta e quatro lexias não estão dicionarizadas. Isso possibilitou a criação de um glossário com a inclusão dessas lexias. Por fim, constatou-se que existem diferenças e

semelhanças que marcam a forma de falar de gays, de diferentes faixas etárias, e isso demonstra um fortalecimento e afirmação que existe uma forma colorida de falar.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Sociolinguística; Lexicologia; Léxico gay.

ABSTRACT

This study proposes reflections on the lexicon used among gay men, aged between 18 and over 50, in the city of Belo Horizonte - MG, using a sample of fourteen gay men to build the corpus, with the aim of identifying and analyzing, based on semi-structured interviews, the lexemes used in the speech of this group, pointing out yet another form of language variation, with linguistic facts that can be interpreted as characteristics of gay speech. The hypothesis raised in this research is that the speech used by gay men is a social and sexual mark, and that there is a need to describe the linguistic data used by people from this community. The work is structured from the study of linguistic variation and change, from a perspective originating from Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]), followed by the presentation of linguistic variation at the lexical level (BIDERMAN, 2001), as well as a historical journey through the structuring of the LGBTQIAPN+ movement in Brazil (GREEN, 2019), including studies on the arrival of this movement in Belo Horizonte (MACHADO, 2007). The way homosexuals speak is a sign of resistance and social identification, since LGBTQIAPN+ people are discriminated against by society and use countless strategies to survive the constant attacks. As well as studying the speech patterns of homosexuals, this research aims to be a way of reducing prejudices against this group in question. The gay men who took part in this research stand out socially because of the way they express themselves and are evaluated on a daily basis by their interlocutors, and these language characteristics deserve the attention of this sociolinguistic study, since the way individuals speak, regardless of color, ethnicity or sexual orientation, should be known and, above all, respected. The identification of the gay lexicon took place through three interviews, through different focus groups - with an age range (18 to over 50), from which seventy-two lexemes were identified, which reveal the search for a certain cultural identity of their own, as a result of the discrimination suffered and still suffered by gays. A comparative spreadsheet was drawn up with information gathered from four Portuguese language dictionaries and it was identified that forty-four lexias have not been dictionarized. This made it possible to create a glossary including these lexias. Finally, it was found that there are differences and similarities that mark the way gay men of different age groups speak, and this demonstrates a strengthening and affirmation that there is a colorful way of speaking.

KEYWORDS: Linguistic Variation; Sociolinguistics; Lexicology; Gay lexicon.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Categoria gramatical das lexias	58
Gráfico 2 - Dicionarização das lexias	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos Participantes	45
Quadro 2 - Planilha de significado das unidades lexicais.....	49
Quadro 3 - Modelo de entrada no glossário	51
Quadro 4 - Lexias mais frequentes	57

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Adj.: adjetivo

Adv.: advérbio

Aumen.: aumentativo

Expr.: expressão

GLBT: Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis - sigla em desuso.

Interj.: interjeição

LGBTQIAPN+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Panssexuais, Não-binários e mais.

MG: Minas Gerais

N.c.a.: não consta aceção

N.d.: não dicionarizado

Prep: preposição

Subst.: substantivo

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

V: verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1 Sociolinguística: variação e mudança.....	18
1.2 Variação de registro.....	20
1.2.1 O grau de formalismo.....	20
1.2.2 O modo e o sistema.....	22
1.3 Variação Linguística e Dialetal.....	23
1.4 Variação Lexical.....	26
1.5 Um breve panorama sócio-histórico da comunidade gay.....	30
1.6 Léxico gay.....	33
1.7 Estudos sobre sociabilidades gays em Belo Horizonte.....	38
2 METODOLOGIA.....	42
2.1 Os participantes.....	42
2.2 Perfil dos participantes.....	43
2.3 Coleta de dados.....	46
2.4 Transcrição.....	47
2.5 Seleção e tratamento de dados.....	48
2.6 Glossário.....	50
3 ANÁLISE DOS DADOS.....	52
3.1 Análise qualiquantitativa.....	52
3.1.1 Lexias e ocorrências.....	52
3.1.2 Classificação gramatical das lexias.....	57
3.1.3 Dicionarização das lexias.....	60
4 GLOSSÁRIO DAS LEXIAS GAYS.....	64
4.1 Glossário.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXO.....	78

INTRODUÇÃO

Os estudos da variação linguística podem ocorrer em diferentes níveis do sistema da língua, sendo eles: fonético, semântico, sintático, pragmático e lexical. A Sociolinguística Variacionista, fundamentada pelos trabalhos de Labov (2008 [1972]); Weinreich; Labov; Herzog (1968); Naro e Scherre (2006, 2008), que estuda as relações existentes entre a língua e as estruturas sociais, orienta esta pesquisa, que visa analisar, de forma qualitativa e quantitativa, as lexis presentes nos diferentes modos da fala dos gays masculinos da cidade de Belo Horizonte/ Minas Gerais, a partir de um estudo da variação lexical dessa comunidade.

Travaglia (2002) afirma que a língua se caracteriza pela diversidade ou variações de cada comunidade. Variação e língua caminham juntas e as variações ocorrem por diferentes fatores que influenciam o modo de falar das comunidades, tais como região (pessoas de uma mesma região apresentam características linguísticas próprias daquela localidade), sexo (homens e mulheres com características distintas na forma de falar), idade (criança, jovens, adultos e idosos podem apresentar traços linguísticos diferentes), classe social (fatores lexicais e morfossintáticos caracterizam muitas classes sociais), entre outros.

Sendo assim, percebe-se que tais fatores sociais devem ser considerados nos estudos linguísticos, visto que estão relacionados com a inserção ativa do falante na sociedade, ou seja, sua relação com membros de seu grupo e com membros de outros grupos. É importante esclarecer que fatores como idade e sexo são influenciados também pelo estilo formal ou informal, características que são determinantes para um possível estudo acerca da variação. De acordo com Faraco (2006) “cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que fala: como ele se constitui, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente...” (FARACO, 2006, p. 32).

Existem diferenças lexicais entre a fala de homens e mulheres. Essa é uma característica que desperta o interesse de estudiosos como Travaglia (2002) e Faraco (2006), que abordam a questão da variação de gênero. Para além dessa diferença de utilização da linguagem entre homens e mulheres, está a forma de falar dos homossexuais. Presume-se que a forma específica de usar a língua, com suas múltiplas formas de uso de adjetivos atribuídos ao sexo oposto, assim como a

atribuição de características específicas a nomes próprios, constituem uma forma diferente da fala, uma variedade no modo de falar, visto que a marca dos grupos de militância LGBTQIAPN+ é a luta por direitos e respeito, e a bandeira que os representa tem as cores do arco-íris, que também simboliza a diversidade. Por isso, apresenta-se aqui uma relação ao modo de fala utilizado por pessoas do grupo supracitado.

Diante de todas as considerações anteriormente elencadas, a hipótese levantada nesta pesquisa é a de que a fala utilizada por gays masculinos é uma marca social e de sexualidade, havendo necessidade de descrever os dados linguísticos usados por pessoas dessa comunidade.

Elabora-se aqui uma análise acerca do léxico utilizado entre os gays masculinos, com idade entre 18 e mais de 50 anos, que residem na cidade de Belo Horizonte - MG, tendo como objetivo geral: analisar o léxico usado pela comunidade gay em Belo Horizonte, e como objetivos específicos: descrever a fala de gays em Belo Horizonte, focando no vocabulário utilizado por eles; identificar e analisar lexias próprias dessa comunidade; identificar lexias não dicionarizadas, contribuindo para os estudos lexicográficos e lexicológicos.

Procura-se identificar as possíveis variantes linguísticas presentes no falar gay, verificando, através de análises quali-quantitativas, a variação do léxico. A apresentação de características próprias da fala de muitos homossexuais (pessoas do mesmo sexo que se relacionam) será abordada, com o objetivo de constatar mais uma forma de variação da língua que não se enquadra isoladamente em um ou outro dos fatores citados anteriormente. Mais especificamente, propõe-se uma maior compreensão de fatos linguísticos que podem ser interpretados como características da fala específica de uma comunidade.

Esta pesquisa pretende contribuir com a valorização do grupo e colocar em evidência o estudo de uma forma específica de fala, com lexias próprias e utilizadas pela comunidade gay. Os estudos realizados podem colaborar com a ampliação e abertura de portas para outras pesquisas. Esta pesquisa, orientada pelo arcabouço da Sociolinguística Variacionista, em interface com os estudos de Lexicologia e Lexicografia, se justifica, também, por apresentar um trabalho voltado para o modo de fala de homossexuais, pessoas que sofrem preconceitos e discriminação pelo seu modo de agir, de se apresentar socialmente. Estudar a fala do grupo em foco contribui para reconhecer diferentes modos de utilização de palavras com

significados específicos, possibilitando conhecer uma variação lexical, com o intuito de propor reflexões, juntamente com ações efetivas de pesquisa sobre a formação sócio-histórica desse falar, que possam ajudar a diminuir o preconceito que ainda se faz forte em relação às temáticas relacionadas a gays e lésbicas no Brasil.

De acordo com Ferraz *et al.* (2017, p. 215), a variação do modo de fala da comunidade linguística gay varia a depender dos contextos em que é empregada, de modo que “cada contexto social engatilha um comportamento linguístico distinto, que repercute na maneira pela qual as pessoas se reconhecem ou são reconhecidas pessoal ou socialmente”. Tal afirmação demonstra a necessidade de propor estudos mais específicos sobre as formas de falar dos gays masculinos em Belo Horizonte, assim como em quais contextos essa fala acontece.

Apesar de não ser o foco desta pesquisa, o percurso sócio-histórico das formas de falar de uma determinada comunidade linguística contribui, de maneira relevante, para o entendimento dos modos de fala dessa comunidade. Para Andrade *et al.* (2018), “(...) a língua, a todo momento, reflete as transformações e as dinâmicas do meio social e dos indivíduos que o compõem e fazem uso dela”. Desse modo, esta pesquisa pretende desenvolver um tópico acerca da história de lutas, conquistas e desafios da comunidade gay, assim como apresentar reflexões sobre as lexias identificadas, que podem influenciar diretamente na maneira que este grupo utiliza sua linguagem e constrói os seus significados.

Destacando-se na sociedade pela postura e modo de falar, sendo avaliados constantemente por si mesmos e pelos seus interlocutores, alguns gays possuem características próprias de linguagem que merecem a atenção nos estudos sociolinguísticos, pois o modo como os indivíduos falam, independentemente de cor, etnia ou orientação sexual, deve ser conhecido e, acima de tudo, respeitado, sendo viável uma prévia descrição e análise linguística desse grupo em foco.

Segundo Silva (2019),

a comunidade LGBT está, como muitos seres diferentes (negros, gordos, pobres etc), à margem de uma sociedade preconceituosa. E como tantos, também alvo de estudos, pois reproduz algo maniqueísta que chama atenção, seja pelo seu modo de vestir, viver, pensar, escrever e falar, que levam a ser estudada e refletida. (SILVA, 2019, p.06).

A identificação do léxico gay revela a busca por certa identidade cultural própria, fruto da discriminação que sofreram e ainda sofrem os gays. Pode-se

interpretar que essa possível variedade seria um índice identitário criado para se distanciar da forma como falam pessoas heterossexuais. A língua é um importante instrumento de identificação social. Ela serve também para amparar os indivíduos dos grupos marginalizados, é a forma que estes encontram para superar as barreiras do preconceito.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo apresenta-se a fundamentação teórica que versa sobre os estudos de variação e mudança linguística, com ênfase na variação regional, dialetal, lexical, grau de formalismo, além de um panorama sócio/histórico da comunidade gay e o léxico utilizado por ela em Belo Horizonte. No segundo capítulo apresenta-se a metodologia utilizada, que se deu através da seleção dos participantes, de coleta de dados, gravação de entrevistas semiestruturadas e transcrições. No terceiro capítulo é realizada a análise dos dados, com levantamento das lexias - classificação e número de ocorrências, verificando-se que substantivos e adjetivos são utilizados com maior frequência; dicionarização das ocorrências, com a identificação de 45 lexias que não estão dicionarizadas. O quarto capítulo é construído com a elaboração de um glossário com lexias não dicionarizadas. E, por fim, a discussão das hipóteses do trabalho.

É relevante mencionar que a condição de trabalho, de estudo e de pesquisa, durante a pandemia da COVID-19, sofreu impacto negativo em relação à escolha dos participantes, assim como na realização das gravações, visto que havia a necessidade de respeito ao distanciamento social, de modo que era preciso realizar um processo de convencimento dos informantes em relação ao encontro presencial.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Sociolinguística: variação e mudança

Variação linguística são as inúmeras formas que a língua assume dentro de uma mesma comunidade de fala, caracterizada por muitos fatores que auxiliam e/ou facilitam o falar, aproximando grupos ou identificando gerações (TRAVAGLIA, 2002). As diferentes formas de utilização da língua, muitas vezes para expressar a mesma coisa, são percebidas constantemente, pois assumem papel importante na interação humana. As distinções entre os diferentes modos de utilização de uma mesma língua podem ser chamadas de variação, ou seja, são os modos com os quais o homem se apropria de diferentes maneiras de se expressar linguisticamente.

Rompendo com um dos postulados da linguística do início do século XX, que apontava a ideia da língua fechada em si mesma apoiada ao pensamento de que o objeto da linguística deveria identificar-se com a parte homogênea dos fenômenos observáveis, é que surge a variação linguística, na segunda metade desse século.

A teoria da variação e mudança linguística, proposta por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006 [1968]), fundamenta-se como uma teoria empiricamente orientada e propõe o estudo da língua. Para Coelho *et al.* (2015, p. 58), a variação da língua é um “fato social dinâmico, cuja variação é explicada por formas externas ao sistema”.

Para Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006 [1968], p. 87), a história dos estudos linguísticos está marcada por visões antagônicas no que diz respeito aos estudos da mudança das línguas. Os autores apresentam Hermann Paul e/ou Ferdinand de Saussure, com a corrente linguística do estruturalismo, autores que apresentam reflexões sobre a variabilidade e a sistematicidade dos sistemas linguísticos como conceitos mutuamente excludentes.

Desse modo, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apontam que, a despeito dos paradoxos da sistematicidade e da variação nas línguas, “a maioria dos linguistas reconhece a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e subproduto inevitável da interação linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 87). Assim, com o objetivo de romper com a noção de língua como um sistema homogêneo, é que os autores propõem “uma explicação razoável da mudança [que] dependerá da possibilidade de descrever a

diferenciação ordenada dentro da língua” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 88).

Os autores percebem a língua como um sistema ordenado, porém, heterogêneo, de modo que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas. Para eles, este sistema muda e tende a acompanhar as mudanças na estrutura social. Logo, a teoria da variação e mudança linguística se dá através da relação direta entre língua e sociedade, sendo a língua compreendida como um fenômeno social.

A variação linguística se preocupa com a relação intrínseca entre a linguagem e a sociedade. A língua é objeto social e muda de acordo com que muda a sociedade, sendo necessário primeiro, observar a sociedade para depois, compreender as mudanças da língua, nomeando assim, a sociolinguística.

De acordo com Labov (2008):

Os dados empíricos confirmam plenamente a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades linguísticas investigadas. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade que pode ser posta em dúvida. (...) chegamos à conclusão nos últimos anos de que essa situação normal é a de que a heterogeneidade não é apenas comum, mas é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Postulamos que disfuncional seria a ausência de mudança de estilo e de sistemas multiestratificados de comunicação (LABOV, 2008 [1972], p. 203).

Nesse sentido, entende-se que a observação analítica começa com a variação linguística que ocorre dentro das comunidades, a língua é entendida como um apanhado heterogêneo onde a linguagem tende a acompanhar os usos sociais mutáveis, em consonância com as estruturas, diversas, sociais.

Ademais, Labov (2008) especifica essa relação que há na sociedade e na fala, de modo que a variação da conduta linguística não demanda em si uma persuasão, tampouco inspira o desenvolvimento social que venha a afetar as contingências da vida dos sujeitos, ao contrário, a posição comportamental da língua sofre modificações ao passo que a posição social do falante se transforma. Para Labov (2008), a língua não pertence ao sujeito, mas à comunidade, de modo que conclua ser preciso “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 259).

Compreende-se, assim, que essa sociedade, essa comunidade e esses falantes da língua de um determinado espaço heterogêneo se constituem com

regras variáveis. Outrossim, os estudos acerca da variação e mudança linguística nos permitem analisar as vertentes e diferentes níveis linguísticos, isto é, os níveis gramaticais em que as diferentes variantes podem ocorrer.

1.2 Variação de registro

De acordo com Halliday, McIntosh e Stevens (1974 *apud* Travaglia, 2002), as variações de registro são divididas e classificadas em três esferas, sendo elas: o grau de formalismo, o modo e o sistema, que se sobrepõem ou se correlacionam, podendo também ser analisadas isoladamente.

1.2.1 O grau de formalismo

Sobre o grau de formalismo, Travaglia (2002, p. 51) afirma que este representa os graus de formalidade utilizados em diferentes discursos, com uso dos recursos da língua, numa aproximação de uma linguagem padrão e culta, de forma mais sofisticada. Essa forma de linguagem utiliza os recursos da língua do nível fonológico, do léxico, sintático, de construção, estilísticos etc. O grau de formalismo mais elevado é identificado com maior facilidade em obras literárias, científicas e em discursos que necessitam de um maior rebuscamento, devido ao público ou razões do falar em situações que demandam tais formalidades, compreendendo assim, a língua padrão com pouca relevância à variedade oral culta.

Em relação ao grau de formalismo, Travaglia (2002, p. 53) afirma que:

A língua escrita e a oral apresentam cada uma um conjunto próprio de variedades de grau de formalismo. As variedades de grau de formalismo da língua escrita apresentam uma tendência para maior regularidade e geralmente maior formalidade que as da língua falada, todavia importa lembrar que em cada caso existe uma mesma relação entre os níveis de grau de formalismo propostos para a língua falada e para a escrita. [...] Convém anotar que a língua escrita também pode apresentar variantes dialetais, embora estas sejam usualmente pouco numerosas e menos marcantes que na língua falada, porque no escrito desaparecem as diferenças fonéticas, prosódicas e outras (TRAVAGLIA, 2002, p. 53).

De acordo com os estudos propostos por Bowen (1972 *apud* TRAVAGLIA, 2002), consideram-se cinco os graus de formalismo distintos, propondo um quadro

das variedades de modo e de grau de formalismo, que vão desde a língua oral à escrita.

Bowen (1972 *apud* TRAVAGLIA, 2002, p. 54), apresenta “como algumas pequenas modificações, acréscimos ou reduções, a caracterização sumária que se apresenta de cada grau de formalismo”.

O primeiro grau de formalismo apresentado é o oratório que é “elaborado, enfeitado, inteiramente composto de períodos equilibrados e construção paralela. É usado quase exclusivamente por especialistas, tais como: advogados, sacerdotes e outros oradores religiosos, políticos etc.” Bowen (1972 *apud* TRAVAGLIA, 2002, p. 54). Tal discurso, segundo o autor, é apropriado para uma situação muito formal. Uma subdivisão desse tópico é a situação hiper formal, que equivale ao escrito do oratório. É evidente que os apontamentos do autor versam sobre a realidade de uma época e região específica, e podem ser diferentes para a sociedade brasileira contemporânea.

O segundo é o deliberativo, usado quando se fala a grandes ou médios grupos, em que se excluem as respostas informais. De acordo com Bowen (1972 *apud* TRAVAGLIA, 2002, p. 54), “é preparado previamente e mantém de propósito uma distância entre falantes e ouvintes. Diferenciando-se do grau de formalismo coloquial, o deliberativo se caracteriza por sentenças que são mais rigorosamente definidas”. Dentro dessa questão deliberativa, encontra-se o quesito formal que, de acordo com Bowen (1972 *apud* TRAVAGLIA, 2002, p.54), “apresenta características semelhantes ao do deliberativo, numa forma de linguagem cuidada na variedade culta e padrão, mas dentro do estilo escrito”.

O terceiro aspecto é o coloquial, identificado nas conversas entre duas pessoas que, segundo Bowen (1972 *apud* TRAVAGLIA, 2002, p. 55), “ambas participantes ativas, alternando-se no papel de falante e emitindo sinais de realimentação, quando na posição de ouvinte”. O semiformal, de acordo com o autor, é utilizado na escrita coloquial, com um pouco mais de formalidade.

O quarto é o casual (coloquial distenso), que, de acordo com Bowen (1972 *apud* TRAVAGLIA, 2002, p. 55), “nesse nível percebe-se uma completa integração entre falante e ouvinte, com o uso frequente de gíria, que é um indicador do relacionamento próprio de um grupo fechado (linguagem particular ou semi particular)”. Não há, segundo o autor, uma preocupação com o rebuscamento das palavras e frases. Ainda nesse grau está o quesito informal, no qual os componentes

de um grupo íntimo usam abreviações, construções simples e fragmentadas, sem perder o sentido.

De acordo com Bowen (1972 apud TRAVAGLIA, 2002, p. 55), o quinto grau de formalismo, identificado como íntimo (familiar), é utilizado na vida privada de forma particular. Utiliza-se da intimidade e afeição nas construções de fala, numa função emotiva. A questão pessoal, segundo o autor, são as escritas/notas para uso próprio, como o bilhete, recado de telefone, lista de compras etc.

1.2.2 O modo e o sistema

Sobre a variação de modo, Travaglia (2002, p. 51) aponta que a língua falada e a língua escrita entram em contraposição, pois a língua escrita denota um sistema com marcas e características próprias, de modo a marcar um diferente estilo em relação à língua falada. O autor apresenta ainda algumas características que marcam essa diferença, que são devidas ao meio em que são produzidas – visual ou auditiva. A primeira dessas diferenças, de acordo com Travaglia (2002), refere-se ao fato de a língua falada poder utilizar diferentes recursos fonológicos, tais como entonação, duração dos sons, velocidade, sequências linguísticas, ênfase em determinadas palavras, entre outros. A segunda diferenciação refere-se ao fato de a língua falada apresentar truncamentos em palavras e frases, como hesitações, repetições e retomadas, elementos que não aparecem quando se escreve algo. O motivo pelo qual essa diferença ocorre pode ser, segundo o autor, o fato de o texto ser formulado na hora da fala, justificando a hesitação que pode levar aos elementos citados – truncamentos, pausas longas ou curtas, alongamento etc. Outro motivo encontrado é o desejo de não sobrecarregar a memória do interlocutor, que formula, na maioria das vezes, construções menos complexas; e/ou impedir que a outra pessoa tome a palavra antes que se diga aquilo que estava disposto a dizer. A terceira diferenciação relaciona-se à interação entre falante e ouvinte, ou seja, observando-se as reações do interlocutor, pode-se interromper a frase, quando se percebe que o outro já entendeu a mensagem que se tinha a intenção de passar, além de observar as marcas da reação entre o que se fala e o que se ouve na conversação.

1.3 Variação Linguística e Dialetal

Além do grau de formalismo, conforme visto anteriormente, a língua apresenta, também, variação dialetal. Para se entender melhor, será apresentada uma classificação sobre essas formas de variação linguística. Segundo Coulthard (2001, p. 8), “a descrição tradicional de dialetos considera um dialeto de prestígio como forma padrão de língua e verifica como determinado dialeto regional ou social difere dessa forma padrão”. Para Coulthard (2001), existem ainda diferenças gramaticais, de pronúncia, que marcam a diferença entre dialetos de uma mesma língua.

Bowen (1972 *apud* TRAVAGLIA, 2002, p. 56), afirma que “a terceira série de dimensões de registro, a da sintonia, pode ser descrita como o ajustamento na estruturação de seus textos que o falante faz, com base em informações específicas que têm sobre o ouvinte”.

De acordo com Coelho *et al.* (2015), as variações na língua podem se dar em: variação fonológica, morfológica, sintaxe e semântica, variação discursiva e variação lexical, da qual se ocupa das variações sistêmicas sobre a língua falada denominada de variantes linguísticas que se caracterizam.

Segundo Tarallo (2003), nas possibilidades e nas diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, relacionadas a um determinado contexto, esse conjunto de variantes recebe o nome de variável linguística. Em outras palavras, a variável linguística, para os autores Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 105), é “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”. Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 60,) essa “é uma regra gramatical, e, sendo assim, não é qualquer forma linguística que pode assumir o papel de uma das variantes, uma vez que elas sofrem restrições do próprio sistema linguístico”.

Para formular as bases teóricas da Sociolinguística, Labov (2008 [1972]) recorreu à Linguística, à Antropologia e à Sociologia ao observar os contributos de cada uma das áreas, resultantes de conhecimentos etnográficos, sociais e de linguagem, que deram apoio ao estudo de variantes linguísticas, propondo assim uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo, visto que

Chomsky (1997 [1965]) idealizava a língua como homogênea, a partir da existência de um falante ideal.

Segundo Travaglia (2002), os estudos acerca da área da variação linguística apontam que a língua pode variar, pois ambas, variação e língua, caminham juntas e tais variações ocorrem por diferentes fatores que influenciam o modo de falar das comunidades, tais como religião, idade, classe social, sexo, grau de formalidade, entre outros. Na tentativa de atribuir significados às coisas que permeiam as vivências cotidianas é que se criam mecanismos para se estabelecer a comunicação.

De acordo aos postulados de Coelho *et al.* (2015), faz-se necessário compreender que a língua não é uma estrutura pronta e acabada, sem possibilidade de variar e mudar. Para os autores, “é necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua - os falantes - têm uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros” (Coelho *et al.* 2015, p. 11).

Por consequência, a variável linguística é o objeto da gramática onde se dá a variação, porque “há regras na língua regendo a variação, isto é, que a variação é sistematicamente ordenada” (COELHO *et al.*, 2015, p. 61). Nesse sentido, Labov (2008, p. 13) concebe a fala como “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social” e nessa premissa, conclui-se que: “a língua falada é o vernáculo”.

Tarallo (2003) aponta que:

[...] a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias, (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística (TARALLO, 2003, p. 19).

De maneira mais remota, pode-se afirmar que as questões linguísticas são observadas desde muito tempo, visto que no conto da Torre de Babel a punição é retratada como diversidade de linguagem, cujo castigo representava um mecanismo de privar a capacidade comunicativa entre os homens, deixando a língua restrita. Em contrapartida, a sociolinguística rompe com esses pressupostos de fixação, idealização, homogeneidade e imutabilidade.

A seguir, serão apresentados dois outros aspectos da teoria da variação e mudança: os significados sociais das variantes e o conceito de direção da mudança linguística.

Sobre os significados sociais das variantes, estes estão relacionados ao significado social que determinadas variantes em uso desempenham. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), as variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura. Na mudança linguística é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema de forma inteira; mas a significação social não é distribuída igualmente por todos os elementos do sistema, nem tampouco todos os aspectos do sistema são equitativamente marcados por variação regional (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 123).

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 66), “as formas linguísticas veiculam, além de significados referenciais/representacionais, significados sociais”, e esses significados podem carregar estereótipos negativos ou significados prestigiados de acordo com aquilo que é difundido socialmente a respeito de uma variante. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125) apontam que esta é uma “completação da mudança e passagem da variável para o status de uma constante”, responsável pela exclusão de qualquer significação social, ou estereótipo, relacionada a determinada variante, de modo que seu valor social pode impulsionar ou reter um processo de mudança na língua.

O segundo aspecto diz respeito à direção da mudança linguística, levando-se em consideração que a difusão e a mudança da variação ocorrem de um grupo social a outro grupo. Coelho *et al.* (2015, p. 90) comentam as direções em que a variação da língua pode ocorrer, sendo elas: de cima para baixo, ou de baixo para cima.

Sobre a mudança que ocorre de cima para baixo, é percebido um maior grau de consciência dos falantes da língua e tem origem no uso prestigiado da língua por uma classe dominante socialmente. Esse tipo de variação tem origem em um uso mais cuidadoso e não espontâneo da língua.

A direção de baixo pra cima acontece quando uma forma inovadora no sistema linguístico se expande “a partir da fala vernacular” (COELHO *et al.*, 2015, p. 90), isto é, a variação tem início na fala que não apresenta prestígio social, apresentando baixo nível de consciência, relacionadas a traços sociais dos grupos.

As variáveis desta direção que se mantêm, e desencadeiam processos de mudança, tendem a não apresentar estigma social.

De acordo com Lagares (2018), as variações entre vernáculo e prestígio são definidas pela noção de diglossia. Segundo o autor, o conceito de diglossia foi formulado por Ferguson (1974, apud LAGARES, 2018), e remete a “um tipo particular de padronização onde duas variantes de uma língua coexistem numa mesma comunidade, cada uma desempenhando um papel definido” (FERGUSON, 1974, p. 99 apud LAGARES, 2018, p. 124). O autor, a partir das ideias de Ferguson, destaca como variantes linguísticas podem ser consideradas altas (maior prestígio) ou baixas (menor prestígio).

A teoria de variação e mudança, ao apontar as noções de direção da mudança, abre caminhos para esta pesquisa, que se enquadra na observação e estudo lexical que acompanha o posicionamento de variantes com menor prestígio, de acordo ao que propõe Ferguson (1974).

Ao analisar a fala de homossexuais com o intuito de identificar as lexis utilizadas por este grupo, faz-se necessário levar em consideração os quesitos que tratam do grau de formalismo, seus registros coloquiais e casuais, pois se pressupõe que a identificação é percebida na interação entre aqueles que lhe são próximos, ou seja, o homossexual pode não se sentir à vontade em utilizar jargões gays com um heterossexual para evitar que seja visto com maus olhos. Pode-se perceber também, na dimensão do registro, que o status do interlocutor é determinante na interação entre os grupos, de modo que o homossexual pode utilizar, ou não, palavras de um vocabulário próprio que depende daquele que o escuta.

1.4 Variação Lexical

Nesta seção, propõe-se um percurso sobre o conceito de lexicologia e seu objeto de estudo, que é a unidade lexical, além de um diálogo acerca da variação do léxico e suas variadas formas de significação dentro da língua falada.

A lexicologia é definida por Matoré (1973) como uma área de estudo da relação entre o léxico e a sociedade, tendo como base o estudo do conjunto dos itens lexicais. Além disso, Vilela (1994, p. 10) afirma que “a lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim

fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico duma língua”.

A princípio, faz-se necessário compreender o conjunto de pensamentos e teorias que versam sobre o estudo sociolinguístico, somado à vertente variacionista, que considera a variação e mudança como inerente a qualquer língua. No que tange aos instrumentos de linguagens, desponta o léxico, abrangendo a dinamicidade, diversidade e heterogeneidade de palavras que compreendem o campo dos saberes. Assim, o estudo lexical se constitui como o campo da língua que aponta a relação entre sujeitos, cultura e sociedade, uma vez que, principalmente o léxico denota sentimentos, crenças, ideologias, costumes, peculiaridades e particularidades numa gama imensurável de informações como melhor nos aponta Biderman (1998) ao discorrer que:

[...] o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua (BIDERMAN, 1998, p. 139).

Logo, os usuários (falantes) dessa língua são responsáveis pela possível inovação ou conservação de um determinado vocabulário, de modo que são os falantes de uma língua os responsáveis por atribuir conceitos e sentidos para as palavras que utilizam no seu cotidiano de fala. Esta utilização atua, de acordo com a autora, sobre a estrutura do léxico, alterando assim as áreas de significações das palavras.

A lexicologia é a ciência que estuda o léxico. Esta ciência é parte da linguística e se debruça sobre o significado de cada unidade lexical, sua formação e as variações que podem ocorrer de acordo a sua utilização em variados contextos, tanto na perspectiva da sincronia, quanto na diacronia. Assim sendo, faz-se necessário conhecer mais sobre as lexias, para melhor entendimento desse vocabulário gay.

De acordo com Biderman (1998), o léxico é o conjunto de unidades utilizado para nomear todas as coisas, registrando o conhecimento sobre tudo que existe,

atribuindo nomenclaturas aos seres animados e inanimados. O léxico é um mecanismo fundamental na estruturação do saber. É através do léxico – da palavra, que se consegue estruturar sentenças, determinar características próprias, individuais e/ou coletivas, de modo a enriquecer a forma de conceber o mundo. Com a possibilidade de atribuição de significado e com o domínio do léxico, o indivíduo pode criar e recriar significações.

Fernández Moreno (2005) acrescenta que “para abordar o estudo da variação lexical, é necessário demonstrar a equivalência de uma série de variantes lexicais e, logicamente, encontrar estas variantes no discurso natural” (FERNÁNDEZ MORENO, 2005, p. 33).

Diante do exposto, compreende-se que a investigação do léxico de um determinado grupo social permite o entendimento acerca de seus costumes, pensamentos, crenças e valores, posto que o recorte analítico (recorte temporal e espacial) de uma comunidade remonta a realidade que ali está impressa. Nessa linha de raciocínio, Isquierdo (2001) afirma que “o estudo de um léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida e à visão de mundo de um determinado grupo” (ISQUERDO, 2001, p. 91). Para a autora, relacionar o contexto geográfico do grupo pesquisado é essencial para se desenvolver uma boa pesquisa lexical, intenção do presente trabalho, que visa identificar lexias presentes no falar de gays na cidade de Belo Horizonte - MG.

Ainda que o léxico de uma sociedade possa ser considerado o seu arcabouço, é aos seus membros falantes que se destina a responsabilidade da criação ou conservação de um determinado vocabulário.

De acordo com Fernández Moreno (2005),

da mesma forma, a questão de localizar variantes lexicais autênticas não é nada trivial, dada a raridade com que se alternam no discurso. Assim, alguns especialistas optaram por encontrar as variáveis fora do curso contínuo e natural: por meio de pesquisas e questionários. Se os falantes não costumam usar formas lexicais equivalentes em sua fala espontânea, é melhor perguntar diretamente a eles em uma pesquisa (FERNÁNDEZ MORENO, 2005, p. 33).

Reconhecer e localizar variações lexicais requer uma densa pesquisa, visto a

necessidade de compreender que colher um léxico específico em uma conversa informal pode demorar algum tempo, de modo que o direcionamento de questionários poderá contribuir para se chegar ao objeto de pesquisa desejado.

Através dos estudos acerca da variação do léxico são demonstrados os apontamentos nos quais a mudança lexical de um povo encontra-se intrinsecamente ligada às transformações sociais internas que as pessoas vivenciam. A esse respeito, Biderman (2001) aponta que:

[...] o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Ademais, para Vilela (1994, p. 10), o encadeamento léxico de um determinado grupo social e sua língua “pode ser visto como o dicionário ideal duma língua”. Assim, o autor compreende o léxico como um acervo totalitário de palavras, ou dos saberes, experiências e conhecimentos interiorizados pelos falantes, referente às características lexicais das palavras. Acerca da construção e formação de um inventário léxico, o referido autor discorre que o léxico do português é “um corpo formado por elementos de diferentes idades e origens”, somado ao “resultado de uma longa história” (VILELA, 1994, p. 14), sendo este o gabarito linguístico em que “se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas” (VILELA, 1994, p. 14). Logo,

[...] as variantes das variáveis podem ser contínuas ou discretas; em qualquer dos casos, a variável mesma tem um espectro contínuo de valores, já que ele inclui a frequência de ocorrência de variantes individuais na fala estendida. O conceito da variável como um elemento estrutural torna desnecessário ver flutuações no uso como externas ao sistema, pois o controle de tal variação faz parte da competência linguística dos membros da comunidade de fala (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 123).

Fernández Moreno (2005), afirma que os estudos de variação lexical mostram que fatores extralinguísticos estão contidos neste tipo de variação, sendo eles marcados por crenças, situações, atitudes e traços sociológicos, assim como por

fatores linguísticos, tais como: ritmo da fala, repetições ou a língua de origem das palavras.

O léxico de uma comunidade é formado por diversos fatores que dizem respeito às vivências e costumes das pessoas que estão inseridas nos mais variados contextos. As palavras assumem significações relevantes para aquele meio social, de modo que a expansão lexical é objeto de estudos, inclusive desta pesquisa, que volta os olhos para as lexis utilizadas por uma comunidade específica com um recorte regional – gays em Belo Horizonte. As produções acerca do léxico, encontradas nesta seção, contribuem para fazer reconhecer como os falantes de uma mesma língua utilizam o seu inventário lexical dentro da sua comunidade de fala.

1.5 Um breve panorama sócio-histórico da comunidade gay

O desenvolvimento de reflexões acerca de comunidades linguísticas deve se dar a partir do entendimento de que os signos e significantes utilizados por esse grupo fazem parte de uma constante construção social e coletiva. Esta pesquisa apresenta reflexões sobre a forma de falar dos homossexuais. Falar de homossexualidade e não refletir sobre o conceito de palavras, além de percorrer um breve percurso histórico, pode fazer deste discurso um tanto quanto vago. A forma como as pessoas, de orientação homoafetiva, se comunicam, travam lutas e militâncias, se divertem e sofrem as mazelas, será brevemente apresentada neste subcapítulo, de modo que possa colaborar para a ampliação do conhecimento do universo gay no Brasil.

Sobre a ótica histórica, no Brasil, há uma denominação em relação ao movimento homossexual, compreendido como o conjunto das associações e entidades cuja finalidade era versar sobre os direitos referentes à livre orientação sexual, além de reunir e discutir, não única, mas necessariamente, direitos políticos dos sujeitos que se reconheciam de acordo com uma das identidades sexuais do movimento. Esse registro, segundo Facchini (2003), surgiu em meados de 1970 e sua trajetória no Brasil poderia ser discutida em três momentos distintos.

O primeiro corresponde à expansão do movimento frente à pequena brecha política, de acordo com Facchini (2003), marcado

[...] por um caráter antiautoritário e comunista, pela relação com propostas de transformação para o conjunto da sociedade e foram tratadas pela bibliografia sobre movimentos sociais a partir do enquadramento entre os movimentos então chamados de “alternativos” ou “libertos” (FACCHINI, p. 84, 2003).

Em meados dos anos 1980, junto à retomada do regime democrático e o surgimento da AIDS, chamada à época de *peste gay*, finda, segundo Facchini (2003) o primeiro momento. Em seguida, há um segundo momento de poucos registros escritos, mas que aponta o declínio do movimento homossexual devido à impraticabilidade de uma política de reconhecimento identitária homossexual no país. Após os poucos registros sobre a continuidade das atividades do movimento homossexual no Brasil, uma nova página começa a ser escrita em relação às iniciativas militantes, que ocorre em um terceiro momento, numa fase mais forte nos anos de 1990. Facchini (2003) afirma que, quando iniciou o contato com os ativistas e organizações do movimento homossexual, em 1995, percebeu que o movimento chegou ao processo de “redemocratização”, em relação ao modelo de organização comunitária - onde pessoas gays passavam a apoiar e fortalecer ações em prol da comunidade -, e ao surgimento da AIDS. Desse modo, o movimento político social começa a ganhar força.

De acordo com Facchini (2003), esse movimento político e social começa a se solidificar através de:

[...] ação junto a parlamentares com proposição de projetos de lei nos níveis federal, estadual e municipal, atuação junto a agências estatais ligadas aos temas DST/AIDS e Direitos Humanos, formulação de diversas respostas frente à exclusão das organizações religiosas, criação de associações de grupos/organizações em nível nacional e local como a Associação Brasileira de Gay, Lésbicas e Travestis ou o Fórum Paulista de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros e a organização de eventos de rua, como a manifestação realizada por ocasião do dia do Orgulho Gay na cidade de São Paulo, que, no ano de 2002, contou com a presença estimada pelos organizadores de cerca de 500.000 pessoas (FACCHINI, p. 85, 2003).

Nesse sentido, despontava a presença da mídia, marcada por um profuso aumento na participação em movimentos de direitos humanos, enfrentamento e

resposta relativas à AIDS – que impactava diretamente o movimento homossexual – em defesa dos direitos a dignidade e vida de pessoas LGBTQIAPN+ no país.

Vale lembrar que o contexto de identificação, aceitação e diálogo sobre as questões homoafetivas têm um histórico marcado por preconceitos e discriminações, que levaram à guetificação das pessoas desta orientação sexual, que fugissem a imposição heteronormativa. Green (2019), afirma que:

[...] uma pesquisa realizada em maio de 1993, numa amostra de dois mil homens e mulheres, brasileiros, revelou um persistente desconforto diante da homossexualidade. Embora 50% confirmassem ter contato diário com homossexuais no trabalho, em sua vizinhança ou nos bares e clubes que frequentavam, 56% admitiram que mudariam seu comportamento em relação a um colega caso descobrissem que ele ou ela era homossexual. Um em cada cinco romperiam de vez o contato com a pessoa. (GREEN, 2019, p. 34).

Os gays foram forçados a se manter escondidos ou a reprimir a sua orientação sexual, o que ocasionou inúmeros problemas e conflitos relacionados à saúde física e mental. Porém, a resistência para viver as experiências humanas, sociais e sexuais fez com que esse grupo criasse meios para se comunicar, se relacionar e existir frente às adversidades. A linguagem foi um desses meios utilizados.

A partir de então, volta-se os olhos, de maneira sutil, para a forma como os gays falavam. Os termos utilizados – chamados de *pajubá* ou *bajubá* surgiam, em sua maioria, advindos do Yorubá e Nagô, mesma língua africana utilizada nos terreiros de religiões de matrizes africanas (ex.: “onde está o ocó?”, significando dizer “onde está o homem?”). A utilização pode ser atribuída ao fato de ser uma linguagem não compreendida por todos, com o intuito de construir diálogos mais pessoais com seus interlocutores. Outros eram aprimorados e criados pelos homossexuais a partir das vivências e tendências da época (ex.: “amiga, acho que me deram a Elza”, que diz sobre um homossexual informar sobre ter sido “roubado”). Neste sentido, Lucas Lima (2017, p. 33) afirma que “o *pajubá* ... ou em outra variação, *bajubá*, tem origem nos dialetos africanos Yorubá e Nagô, prodigamente utilizados pelo chamado *povo de santo*, praticantes da religião de matriz afro brasileira, notadamente o candomblé e a umbanda.” Ainda sobre essa definição,

Lucas Lima (2019, p. 33) apresenta o que chama de “uma definição simples, mas não menos complexa de *pajubá*”. Para ele é: “o repertório vocabular utilizado pelas comunidades LGBT’s. Mas não só: o *pajubá*, para além de uma lista de palavras engraçadas e 'exóticas', é reinvenção constante, que produziria ou ensejaria redes de solidariedade entre as ‘guei’” (LUCAS LIMA, 2017, p. 33).

Em relação a essa apropriação linguística e cultural, o autor sustenta que:

O *pajubá* me ajudou, naquele momento, a enfrentar discursos de ódio, cujos propósitos residem, em grande medida, na desqualificação do sujeito, na injúria à sua subjetividade; o insulto que desassujeita até o ponto de nada ali restar: eis o resumo da subalternização. Da minoração da vida. Pelo e com o *pajubá* me entendi *pajubeyro*: capaz de ler e ressignificar as relações sociais nas quais estava imerso(...) e me entender como sujeito criativo, com potencial de construir uma gramática outra, capaz de oferecer uma alternativa à gramática normativa e regulatória, que sustenta hierarquias e tanto dano causa aos sujeitos (LUCAS LIMA, 2017, p. 22).

O modo transformador que as palavras assumem na vida do falante, tanto para a elevação de feitos, como para degradação do indivíduo, é apresentado pelo autor como proposta de reflexão sobre as contribuições da chamada *linguagem pajubeyra* no seu cotidiano de vida. A linguagem é apresentada como uma forma de enfrentamento das situações que tendem a diminuir os sujeitos, propiciando força para se entender como um sujeito é capaz de criar e potencializar ações de enfrentamento frente às opressões vivenciadas.

Em relação às críticas sobre uma possível criação de guetos para fugir da realidade, Lucas Lima (2017) afirma:

Não creio que se trate de defender uma guetificação da produção de conhecimento na área de estudos das (homo)sexualidades e dos gêneros, o que seria cair no que considero uma cilada das políticas identitárias, mas sim de nos assumirmos enquanto sujeitos viáveis e legíveis, aproximando-nos dos objetos - que somos nós mesmos - e, nesse mesmo movimento, lê-los e produzi-los durante o percurso (LUCAS LIMA, 2017 p. 28-29).

O léxico de uma comunidade é instrumento de transformação social, marca identitária que fortalece o indivíduo em seu percurso humano.

1.6 Léxico gay

A Sociolinguística Variacionista é um estudo sobre a língua que, segundo Tarallo (2003), “é o veículo de comunicação usado em situações naturais de interação social do tipo face a face”. Marcuschi (2003) afirma ainda que “para produzir e sustentar uma conversação, duas pessoas devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns. Entre eles estão a aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais”. (MARCUSCHI, 2003, p. 6).

O foco deste trabalho é a identificação de lexias presentes no falar gay masculino como marca de variação linguística. Porém, para que isso seja verificado, deve-se definir o entendimento que será adotado em relação ao homossexual.

A variação linguística relacionada ao sexo diz respeito às diferenças entre a fala de homens e mulheres. No caso gay, coloca-se a possibilidade de inversão de alguns falares - inversão do gênero gramatical das palavras -, ou seja, pessoas incorporando diferentes significações a lexias, temática essa que se quer verificar nesta pesquisa. Pressupõe-se, a partir das observações desta pesquisa, que alguns homossexuais tendem a inverter a ordem imposta pela sociedade, ressignificando tais traços e criando outros para se identificarem como grupo específico.

Green (2019) desenvolve um trabalho voltado para as lutas e história da homossexualidade masculina no Brasil do século XX, através, também, de estudos de cartas trocadas por e entre homossexuais nesse período. O autor afirma que,

(...) As correspondências registravam o modo pelo qual os homossexuais interagiam com a vida em sua rede social e o mundo externo. Eles desenvolviam um idioma particular complexo, que empregava uma linguagem codificada, um humor *camp*, duplos sentidos e namoradas fictícias para comunicar-se sobre seus romances, amizades e aventuras (GREEN, 2019, p. 301-302).

Com o intuito de não serem expostos por conta do que escreviam em suas cartas, os amigos usavam códigos próprios. Segundo Green (2019, p. 302): “[...] Os night clubs para os ‘entendidos’ estão sempre lotados...”. O termo *entendidos* identificava homossexuais e lugares frequentados por eles.

Para se entender melhor essas relações, fazem-se necessárias algumas definições tais como *gênero*, *homossexualidade*, *gay*, entre outras.

A Corregedoria de Direitos Humanos do município de Belo Horizonte lançou, em 2010, o Catálogo CAVIV, contendo orientações, conceitos e serviços de acesso

aos direitos humanos no município. Neste catálogo encontram-se definições que são relevantes para as questões abordadas nesta pesquisa.

Sobre a questão do gênero, consta no Catálogo CAVIV (2010, p.21):

É uma categoria analítica desenvolvida pelo campo das Ciências Humanas e se origina das discussões e lutas feministas, em seu esforço para desnaturalizar a situação e o lugar social de homens e mulheres na sociedade. Gênero não significa o mesmo que sexo, pois este se refere às características biológicas de uma pessoa, enquanto gênero é um conceito relacional que remete à construção social, histórica e cultural envolvendo relações de poder, identidade, papéis e funções sociais, imagens e significados associados ao que significa ser homem e ser mulher em determinada sociedade (CATÁLOGO CAVIV, 2010, p. 21).

Para enriquecer essa definição, observa-se o posicionamento de Butler (2003, p. 20), que afirma o seguinte:

Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da pessoa transcendam a parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e religiosas de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2003, p. 20).

De acordo com Sterans (2010, p. 18), os pontos de partida para os valores de gênero são a identidade individual e social do indivíduo, visto que “as pessoas podem ser particularmente relutantes em substituir padrões que definem feminilidade e masculinidade, mesmo que pressionadas por uma sociedade”.

A partir dessas considerações, percebe-se que a questão do gênero vai além de delimitações e convenções já definidas, e que isso abre margem para construção de diferentes discursos. Com isso, nota-se a possibilidade de elaboração de falares que independem de seu sexo – homem ou mulher –, perpassando a característica de identificação e elaboração de um discurso próprio.

No Catálogo CAVIV (2010, p. 22), o homossexual é caracterizado como a pessoa que tem orientação sexual por pessoas do mesmo sexo, podendo ser masculina ou feminina. O homossexual masculino é identificado como gay que, de acordo com Catálogo CAVIV (2010, p. 22), é “a terminologia utilizada para designar a homossexualidade masculina. Diz respeito aos homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens”.

De acordo com Costa (2012), as discussões sobre a identidade sexual estão num plano de construção simbólica, que são regidas por valores e concepções do mundo que extrapolam a sexualidade, de modo que se entende que “a identidade sexual não é uma mera descrição das práticas, nem está diretamente associada a comportamentos específicos”. (COSTA, 2012, p. 2-3).

O modo de falar desse grupo específico é que despertou o interesse para a presente pesquisa, com o intuito de verificar o modo como falam gays de Belo Horizonte.

Mas a questão homossexual também é objeto de estudo na área linguística. Identificaram-se alguns trabalhos, dentre eles Podesva, Roberts e Campbell-Kibler (2001), que desenvolvem uma pesquisa sobre significados na produção do estilo gay, Silva (2019), que desenvolve reflexões sobre dialeto e homossexualidade na sociedade contemporânea. Carvalho e Almeida (2017) realizam um trabalho voltado para identificação de gays, e termos utilizados por eles, nas suas comunidades de prática em Salvador - BA. Entende-se que esses trabalhos ajudam a corroborar a hipótese desta pesquisa de uma possível identificação linguística gay.

Além do estudo citado anteriormente, percebe-se um esforço da comunidade gay em introduzir sua forma de falar na sociedade atual, através de escritos, manifestações públicas, conversas impessoais, entre outras formas. Um dos trabalhos que ilustram tal esforço é o dicionário *Aurélia: a dicionária da língua afiada*. Este dicionário traz os termos típicos do universo gay utilizado como fonte desta pesquisa. Os autores de “*Aurélia*” reuniram palavras utilizadas por homossexuais e/ou por quem se identifica com as expressões. O título é uma alusão ao famoso “Aurélio”, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, um dos maiores lexicógrafos do Brasil. “*Aurélia*” contém 1.300 verbetes, todos descritos como em um dicionário tradicional. Os autores desse dicionário, Fred Libi e Angelo Vip, reuniram verbetes ligados à cultura homossexual para que retratassem seu uso comum na prática da língua portuguesa. No prefácio do dicionário, Jaccourd (*apud* LIB; VIP, 2006, p. 10), doutor em linguística, especialista na obra de Saussure, fala sobre a linguagem chula e a linguagem erudita falada nos Tristes Trópicos, fazendo referência a linguagem fala nas Américas, e afirma que:

Resta-nos observar ainda que o saber lexicográfico deste dicionário, que empresta um termo usado na comunidade gay como título, “*Aurélia*” (*vide* verbe), consiste justamente na sapiência de Trubetzkoy. É importante

também observarmos que termos são descritos, no próprio corpo do texto, por meio de um enunciado parafrástico de tipo definicional. Esses termos constituem enunciado lexicográfico que transmitem informações de tipo linguístico, metalinguístico e enciclopédico, como veremos ao longo da brochura (JACCOURD *apud* LIBI; VIP, 2006, p. 10).

De acordo com Vip e Libi (2006), o livro é resultado de pesquisas realizadas por eles sobre o dialeto utilizado pelas travestis. As travestis aproximam seus corpos da forma feminina, tanto através das roupas e adereços quanto de alterações físicas (Catálogo CAVIV, 2010, p. 23). Elas são as responsáveis, de acordo com Vip e Libi (2006), por boa parte dos termos. “O bajula” (linguagem usada pelas travestis) é muito interessante, pois antes era um código entre elas (VIP; LIBI, 2006). Faz-se necessário refletir que o que aproxima os termos utilizados por travestis e homossexuais é a busca de uma caracterização própria para a linguagem utilizada, criando uma comunicação marcada por códigos, significados e significantes que constroem o modo de falar de ambos os grupos.

O tom de “*Aurélia*” é bastante politicamente incorreto. Na primeira página, os autores já avisam: “Este dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura” (VIP; LIBI; 2006, p. 5). Apesar de escrito por dois homossexuais, o livro é repassado por certo humor relativo aos gays. A obra de Vip e Libi (2006) dialoga com o presente trabalho, visto que será utilizada para comparar significados de lexias da comunidade gay, apontando que existem palavras que assumem significados diferentes no ato da fala.

De acordo com a pesquisa de Oliveira (2012), que compara os falares de homossexuais e heterossexuais em Belo Horizonte, algumas palavras e expressões são utilizadas por um dos homossexuais entrevistados, sendo elas: “*Uai, eu acho as noites de Belo Horizonte badalada. Eu acho! Bastante diversificada...*” (OLIVEIRA, 2012, p. 39). A palavra “badalada” foi encontrada, com referência ao toque dos sinos nos dicionários formais de língua portuguesa, porém não se encontrou a referência de “noite animada”, a que o falante se refere. Não se identificou, nas entrevistas com heterossexuais, a utilização do termo com esta significação, o que não exclui o seu uso por parte dos heterossexuais. O termo “bichinha” também foi identificado na seguinte ocorrência: “*Nãoo! Foi expulsa... Mande ele sair: Sai fora bichinha.*” (OLIVEIRA, 2012, p.40). Nesse caso, em “*Aurélia*”, de VIP e LIBI (2006), encontra-

se a seguinte definição: “*Bicha: S. f. Homossexual masculino; gay; viado; homem efeminado*”. Segundo Carvalho e Almeida (2017), “na medida em que o falante faz uso de uma expressão como “bicha” em momentos específicos, ele inaugura um contexto relevante para a fixação de tal termo a um valor semântico” (CARVALHO; ALMEIDA, 2017, p.84).

Além desses trabalhos, Mott (1999), criador do Grupo Gay da Bahia, desenvolve estudos sobre a temática homossexual em seus livros. O autor lançou um livro chamado *Homossexuais da Bahia: Dicionário Biográfico*, e aborda jargões próprios ou utilizados pelos homossexuais de Salvador. Mott apresenta, nesta obra, o percurso histórico das nomenclaturas e expressões direcionadas aos gays da época, fazendo um recorte histórico, ao que justifica: “estabelecemos como limite cronológico deste Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia, o final do século XIX (1898), deixando para um futuro próximo, biografar os homossexuais da Bahia do século XX” (MOTT, 1999, p. 7). Exemplos das lexias equivalentes, utilizadas pelo autor, para *homossexuais*, são: “tal relaxamento explica o alastramento e desenvoltura como os *fanchonos e sodomitas, tibiras e çacoaimbeguiras*¹, *adés e quimbandas* praticaram seus desejos mais ternos e profundos, suas sinas e tendências mais recônditas: *o amor igual*” (MOTT, 1999, p.7).

A apresentação dos autores e obras visa apontar trabalhos que buscam compreender as diferentes formas de falar e o uso de expressões próprias, presentes no dialeto gay. Deste modo, apesar dos trabalhos citados, esta pesquisa contribuirá para a ampliação dos estudos sobre o tema em questão, visto que faltam trabalhos com recortes científicos específicos sobre o tema.

1.7 Estudos sobre sociabilidades gays em Belo Horizonte²

Após a apresentação de um panorama sócio-histórico da comunidade gay e de uma discussão sobre o léxico próprio utilizado por este grupo específico, faz-se

¹ Estes termos foram utilizados por Mott (1999) para se referir a como eram nomeados os homossexuais da época.

² Para ampliação dos estudos sobre as organizações do movimento gay em Minas Gerais, assim como sobre a contribuição dos movimentos sociais na construção das políticas públicas para LGBT na cidade de Belo Horizonte/MG, veja-se Fonseca (2020) e Machado (2007).

necessário dialogar sobre estudos que ilustrem a utilização desse vocabulário próprio em Belo Horizonte, capital onde este estudo é realizado.

A ideia de que gays utilizam lexis com sentidos que extrapolam os conceitos de palavras encontrados em dicionários de língua portuguesa se fortalece, quando a palavra “bofe” passa a significar “homem” entre os falantes, assim como “elza” é entendido como “roubar”. Para Green (2019, p. 301) as turmas de gays agiam “tanto como rede de apoio quanto como um meio individual na subcultura, com todos os seus códigos, gírias, espaços públicos e concepções sobre sua homossexualidade”.

Porém, pesquisas sobre os falares gays, em Belo Horizonte, não foram encontradas, reverberando assim a relevância deste estudo, numa perspectiva de fazer conhecer, através da produção acadêmica, mais uma possibilidade de utilização linguística, que se concretiza na interação social, mais especificamente, entre gays e pessoas do seu convívio. Algumas pesquisas versam sobre o histórico do movimento gay em Minas Gerais, assim como afirma Queiroz (2018):

Face ao que já foi reunido – notícias e reportagens em jornais e revistas de circulação na capital mineira, autos judiciais de eventos relacionados ao segmento LGBTQIA, relatos orais de pessoas entrevistadas, constituição de acervo pessoal sobre o tema –, arrisco apontar três momentos que balizam uma história para esse movimento na cidade: um período para o qual utilizo a denominação protoativismo (...), (que, em Belo Horizonte, se iniciaria durante os anos 1950 e se prolonga até 1996); um segundo momento que nomeio estabilização (caracterizado pelo surgimento e consolidação dos primeiros grupos LGBT organizados na cidade, ou seja, de 1996 a 2007); um terceiro momento que chamo de rizoma (fortalecimento do discurso e a formação de conexões com outros movimentos de maneira consistente, isto é, de 2008 em diante). (QUEIROZ, 2018, p.63).

De acordo com o autor, há um processo de organização da comunidade gay, mas especificamente na cidade de Belo Horizonte entre os anos de 1950 e 2007. O material que embasa estas afirmações, segundo o autor, é retirado de pesquisas realizadas em publicações das épocas. Apesar de citar que relatos orais foram importantes para a construção deste percurso histórico, o autor não versa sobre a forma de falar destes homossexuais entrevistados.

Machado (2007), em sua dissertação de mestrado para o curso de psicologia, discorre sobre a “constituição de identidades coletivas em torno da Parada do Orgulho GLBT³ de Belô (Belo Horizonte – MG)”.

De acordo com Machado (2007),

[...] debates públicos são provocados pelos movimentos sociais por meio de ações coletivas que representam, em última instância, um ponto isolado em uma rede de relações muito mais ampla. Nesse sentido, quando tomamos a Parada como objeto de reflexão, o fazemos investigando a identidade coletiva formada entre os grupos organizadores que tentam fazer da Parada GLBT um instrumento político de interpelação da política institucional, e um motor de transformação cultural. Nesse movimento buscam o fortalecimento das posições contra-hegemônicas dentro de uma complexa teia processual de relações simbólicas e materiais. (MACHADO, 2007, p. 20).

A pesquisa de Machado é elaborada a partir de um percurso histórico sobre os movimentos gays na capital mineira, utilizando a metodologia que vai de atividades de observação e diálogos em campo, até a gravação de entrevistas semiestruturadas. Machado (2007, p. 40) afirma que “a entrevista coletiva que realizamos... inicialmente foi pensada como um grupo focal, entretanto, o agito das atividades cotidianas da entidade produziram um contexto impeditivo de mantermos o rigor exigido por esta metodologia”. A proposta inicial era a realização de gravações com grupos focais, porém o autor afirma que não conseguiu efetivar a proposta devido a difícil tarefa de reunir os participantes para a gravação e atender as demandas necessárias que o trabalho com grupos focais exige.

Machado (2007) conclui que,

[...] vimos que Belo Horizonte ocupa um lugar periférico no que se refere às narrativas históricas, o que influencia negativamente a possibilidade de questionamento das relações de opressão por orientação sexual, uma vez que no Brasil, diferentemente de outros países, o poder econômico e político foi excessivamente centralizado no eixo das duas maiores capitais: Rio de Janeiro/São Paulo. (MACHADO, 2007, p. 211).

No que se refere ao estudo linguístico sobre os falares de gays, em Belo Horizonte, há ausência de trabalhos que explorem a temática. Paralelamente às dificuldades encontradas em 2007 por Machado, esta pesquisa encontrou percalços para a realização das gravações com os grupos focais. A princípio, pensar em reunir

³ A sigla GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis) foi utilizada por Machado (2007), porém tem-se a clareza que está em desuso por ter passado por ampliações e ressignificações, com o intuito de abarcar mais grupos em sua definição.

para um bate-papo parecia algo tranquilo e convencional, porém, na prática, é preciso se atentar para os muitos impedimentos que surgem no percurso, tais como: algumas pessoas, que seriam entrevistadas, não se mostravam interessadas no valor da pesquisa, ou não percebiam necessidade dela, desmarcando os encontros, postergando as outras marcações; de outro lado também estavam a dificuldade de realização das entrevistas com disponibilidade de todos os informantes em um mesmo dia. Coletar as entrevistas foi uma tarefa árdua, tal como será explicado no próximo capítulo.

2 METODOLOGIA

A organização metodológica deste trabalho se deu da seguinte forma: a seção 2.1 conta com a apresentação da seleção dos participantes; a seção 2.2 fala sobre o perfil dos participantes; a seção 2.3 expõe como foi realizada a coleta de dados: coleta de entrevistas com participantes divididos em grupos focais; a seção 2.4 apresenta informações sobre o trabalho de transcrição; a seção 2.5 apresenta os dicionários utilizados para contribuir com a análise dos dados colhidos; por fim, a seção 2.6 apresenta a definição de glossário, construído a partir das lexias levantadas. Realizou-se a organização do material em planilha de comparação das unidades lexicais identificadas, utilizando dicionários específicos de língua portuguesa, e, por fim, apresentou-se a análise dos dados, que embasou o resultado final dessa dissertação.

2.1 Os participantes

Os participantes foram convidados, previamente, a participar de entrevistas que objetivam avaliar a fala espontânea do grupo citado. O primeiro grupo é formado por cinco jovens de 18 a 29 anos, o segundo composto por cinco adultos de 30 a 49 anos, e o terceiro por quatro adultos acima de 50 anos, com o intuito de identificar e analisar lexias próprias da fala gay, observando se há utilização de lexias comuns aos três grupos, controlando a variável idade. Os critérios de exclusão e inclusão dos participantes se deram com a disponibilidade dos informantes em fazer parte da entrevista.

Segundo Caplan (1990, p. 529), os grupos focais apresentam-se como “pequenos grupos de pessoas reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas” e são utilizados como ferramentas usadas em pesquisas. Para este trabalho, apesar das dificuldades para se reunir os informantes, tal metodologia foi essencial para o desenvolvimento das análises dos dados, visto que, através da interação entre o grupo, foi possível perceber que há um processo de significação própria da comunidade gay no emprego de lexias.

A proposta respeitou as normas sanitárias das autoridades competentes sobre a pandemia da COVID-19, sendo elas: uso de máscara e álcool em gel,

distanciamento pessoal etc. As entrevistas foram semidirigidas, uma com cada grupo, a fim de verificar os aspectos lexicais e possivelmente aqueles morfológicos (flexão de gênero nos elementos do sintagma nominal) que possam indicar, através de uma comparação, um tipo de variação linguística gay. As entrevistas contaram com um roteiro predefinido e versaram sobre a noite boêmia de Belo Horizonte; lugares frequentados; situações inusitadas, relacionamentos que deram errado/certo. O roteiro para as entrevistas contou com as seguintes perguntas: 1) O que vocês acham da noite gay em Belo Horizonte? 2) Vocês frequentam muito baladas, que lugares vocês costumam frequentar? 3) Como é o ambiente desses lugares? Dá muita gente bonita? Jovem ou velho? Rico, pobre?... Gente bem vestida ou não... 4) E você, já conheceu muita gente legal na noite? Já teve algum relacionamento que começou em uma balada? 5) Nesses lugares, rola “strip”, música ao vivo? 6) E, aí, você já “pagou muito mico” na noite? 7) Quais as tribos de gays que você conhece? Com qual você mais se identifica? Qual você prefere para se relacionar afetivamente? 8) Quais os nomes das drags queens que animam ou animaram a noite de Belo Horizonte? 9) Você conhece alguma expressão utilizada pela comunidade gay? 10) Vocês percebem diferenças entres os modos de falar dos gays? 11) Quais são essas diferenças? 12) Existe algum código que os gays utilizam para se comunicar sem que outras pessoas entendam o que eles estão falando? 13) Vocês usam esse código? 14) Conhecem alguém que utiliza? 15) Como eles falam?

O roteiro de entrevistas foi aplicado conforme a conversa fosse se tornando mais espontânea, de modo não engessado, o que propiciou um diálogo descontraído com os participantes.

A fim de controlar o grau de formalidade, as entrevistas foram realizadas em ambiente informal (roda de conversa). A participação foi voluntária e o participante poderia abandoná-la a qualquer momento.

2.2 Perfil dos participantes

Como explicado anteriormente, a estratificação utilizada entre os grupos foi o quesito idade e o local onde moram os entrevistados. Idealizou-se perceber a utilização e a frequência com que os gays, de diferentes faixas etárias, utilizam as lexias identificadas.

O primeiro grupo de participantes, com idade de 18 a 29 anos, é formado por jovens gays, nascidos na cidade de Belo Horizonte - MG. Os cinco participantes são amigos e se reuniram para colaborar com a pesquisa de maneira voluntária. A entrevista se deu de forma descontraída e livre, uma interação direta entre os membros da pesquisa e o pesquisador. A ideia foi permitir que os jovens se sentissem à vontade para falar dos assuntos que quisessem no momento inicial da entrevista. Os assuntos versaram sobre encontros amorosos, trabalhos e viagens realizadas, experiências coletivas e individuais. Apesar de não ser um fator que se pretende controlar, destaca-se que todos os cinco informantes não concluíram o Ensino Médio e partilham da mesma atividade profissional, no caso, dançarinos e estudantes.

Formado por gays com faixa etária de 30 a 49 anos, o segundo grupo contou com a participação de pessoas com diferentes formações e áreas de trabalhos distintas. Três dos informantes já se conheciam e, os outros dois, eram conhecidos de um dos participantes. A princípio, percebeu-se que a interação foi um pouco prejudicada por conta da falta de convívio dos informantes, visto que o fator proximidade é de essencial importância para que os informantes se sintam à vontade para utilizar as palavras da forma como costumam utilizar no dia a dia. A gravação deste grupo só foi iniciada após duas horas de interação, pois o primeiro momento foi marcado por apresentações e curiosidades sobre cada participante. Mesmo depois de um período curto de convívio, os dois participantes que não faziam parte do núcleo de amizade dos outros três não se sentiram muito à vontade e se mantiveram um tanto quanto tímidos para falar abertamente das suas experiências. No mesmo dia, realizamos dois momentos de gravação, sendo apenas o segundo momento utilizado para transcrição e análise nesta pesquisa.

O terceiro grupo contaria com a participação de 6 adultos de mais de 50 anos. No dia da gravação, dois dos informantes desistiram da participação informando que um deles não estaria à vontade no ambiente e que não conheciam todas as pessoas que estariam lá, ficando, assim, com vergonha de participar. Por serem um casal, um dos informantes sinalizou que estava com vontade de colaborar, porém só iriam juntos para a entrevista. Três dos demais informantes já se conheciam e interagiram de forma espontânea, desde a chegada até o momento final da entrevista. Um dos informantes, por ser apenas conhecido de um dos participantes, se mostrou aberto às conversas, porém um tanto quanto retraído para utilizar as palavras do falar gay, o

que não atrapalhou a interação e a condução da aplicação do questionário. Dois dos participantes são da área da educação, atuando diretamente em escolas públicas como professores, um participante é cozinheiro autônomo e o outro trabalha com administração de empresas.

A seguir, será apresentado um quadro com informações gerais sobre os quatorze informantes, com o intuito de uniformizar a utilização de informações relevantes para compreender trechos do corpus que serão inseridos ao longo desta construção textual, assim como a idade, a identificação de escolaridade e a profissão de cada entrevistado, o que pode contribuir para compreender o processo de escolhas das lexias.

Quadro 1 - Perfil dos Participantes

	PARTICIPANTE	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
Fonte: elaborado pelo pesquisador 2.3 Coleta de dados pre	INF. 1	19 anos	Ens. Fund. (incomp.)	dançarino
	INF. 2	19 anos	Ens. Médio (em curso)	estudante/ dançarino
	INF. 3	18 anos	Ens. Médio (incomp.)	dançarino
	INF. 4	18 anos	Ens. Médio (incomp.)	dançarino
	INF. 5	18 anos	Ens. Médio (em curso)	estudante/ dançarino
	INF. 6	36 anos	Superior Completo	Empresário
	INF. 7	30 anos	Pós-Graduação	Estudante
	INF. 8	30 anos	Graduação	Estudante
	INF. 9	31 anos	Pós-graduação	Serv. Público
	INF. 10	34 anos	Pós-graduação	Pedagogo
	INF. 11	55 anos	Graduação	Adm. Empresas
	INF. 12	53 anos	Ensino Médio	Cozinheiro
	INF. 13	50 anos	Pós-Graduação	Professor
	INF. 14	50 anos	Graduação	Professor

sente trabalho realizou três entrevistas, com três grupos de gays masculinos em

Belo Horizonte. Os grupos um e dois contaram com cinco participantes cada; o grupo três contou com quatro participantes.

Como dito anteriormente, para a realização da coleta de dados sociolinguísticos – gravação de entrevista semiestruturada -, as pessoas entrevistadas devem se sentir à vontade quando a entrevista for realizada, visto que quanto mais a pessoa estiver interagindo, sem receios de julgamentos, ela utilizará uma fala mais espontânea, possibilitando a identificação das características linguísticas e culturais daquele informante, assim como características da comunidade de que ele faz parte. Existem dificuldades que a presença do entrevistador e do objeto de gravação podem apresentar, uma vez que podem fazer com que o informante monitore a sua forma de fala. Labov (2008 [1972]) apresenta o paradoxo do observador, que se trata de descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas, sendo esse o objetivo da pesquisa linguística na comunidade que o indivíduo está inserido, de modo que, também, se pode obter dados por meio de uma observação sistemática. Em consonância com este raciocínio, Freitag (2017) argumenta que “ao mesmo tempo em que o documentador constitui uma amostra de dados de fala, ele também interfere na sua produção, por ser um elemento estranho” (FREITAG, 2017, p. 22). A autora defende sobre a importância de se elaborar um roteiro para a entrevista, construído com o intuito de que o participante se sinta à vontade para falar sem preocupações com a gravação.

Com base nisso, as gravações foram coletadas com o aparelho celular, ferramenta comum para todos os indivíduos que participaram da entrevista. Após um momento de descontração e com a autorização dos informantes, o celular era colocado sobre a mesa e ali permanecia até o final da gravação, de modo que os participantes se esqueciam que estavam sendo gravados.

Realizou-se a coleta das entrevistas através de gravações, com duração mínima de 60 minutos, cada entrevista (que contaram com um roteiro previamente descrito), para registrar aspectos lexicais e semânticos dos falares gays, totalizando um corpus de mais de três horas de duração. Os participantes foram selecionados a partir de convite prévio, respeitando as possibilidades de cada participante. O convite foi enviado para grupos de militância LGBTQIAPN+, em Belo Horizonte, assim como para amigos e conhecidos gays que se disponibilizaram a participar desta pesquisa. Primou-se pela realização das entrevistas em locais familiares aos entrevistados (bares que frequentam, espaços de reuniões de grupos ou onde os

entrevistados se sentissem mais à vontade). Somente o áudio foi colhido nas entrevistas e os nomes dos informantes não serão divulgados, mantendo assim o anonimato, garantindo o sigilo e a confidencialidade. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE, em anexo, como pede o comitê de ética da UFMG - Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016. Situações que causem constrangimentos e possam, de algum modo, ferir a integridade moral dos informantes foram evitadas - CAAE: 60157722.0.0000.5149. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG.

O projeto não contou com financiamento. Todas as despesas que ocorreram foram por conta do pesquisador. Os participantes não foram onerados com a realização desta pesquisa e não houve ganhos financeiros com a pesquisa.

2.4 Transcrição

Após a realização das três entrevistas com os grupos focais, assinatura dos termos de consentimento, os arquivos de áudio foram transcritos. Segundo Freitag (2017), após a coleta, as entrevistas são transcritas com base na audição impressionista, que se dá quando o pesquisador ouve o áudio e o transcreve. Para a autora, “o sistema notacional da transcrição varia de acordo com o projeto e objetivo da pesquisa” (FREITAG, 2017, p. 14).

Em consonância a isto, Brum-de-Paula e Spinar (2002) apontam a existência de três tipos de transcrição: fonética, fonológica e ortográfica, que podem ter ou não relação com o documento sonoro e com aspectos acústicos. De acordo com as autoras, regras específicas e fechadas não são aplicadas à transcrição, visto que devem ser adaptadas ao objetivo da pesquisa, pois, normalmente, a coleta do corpus é se dá com o intuito de tratar um fenômeno específico e as decisões sobre estas transcrições se dão a partir da necessidade e adaptação do pesquisador (BRUM-DE-PAULA; SPINAR, 2002, p. 5).

A transcrição utilizada nesta pesquisa foi realizada e corrigida de forma ortográfica, não levando em consideração aspectos fonéticos como abaixamento/alteamento de vogais, redução de ditongos, marcas de plural, nasalização etc. Assim, com o objetivo de identificar lexias características da fala de gays masculinos em Belo Horizonte, esta pesquisa não se ocupou das normas de uso da língua. Ressalta-se que os aspectos fonéticos também não foram levados em

conta, visto que a forma como os participantes pronunciam algumas lexias podem variar.

A transcrição serve para recuperar a lexia utilizada no momento de interação entre os participantes, compará-las em um quadro específico e definir os procedimentos que serão adotados para as lexias que não são dicionarizadas.

2.5 Seleção e tratamento de dados

De acordo com Biderman (2004), encontra-se, nos dicionários, o registro, armazenamento e acervo daquilo que a memória não é capaz de manter intacta com o passar dos tempos. Para a autora, “o dicionário atua como a memória lexical de uma sociedade, funcionando como uma organização sistemática do léxico e uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua” (BIDERMAN, 2004, p.185). Logo, por se apresentarem como algo essencial para esta pesquisa, os dicionários permitem a observação e comparação das definições das lexias identificadas, sua utilização e se estão ou não dicionarizadas.

Com o intuito de verificar a existência de dicionarização optou-se por utilizar dicionários contemporâneos, que estão disponíveis na internet, sendo eles:

- Grande Dicionário Houaiss (2012);
- Aulete Digital (2007);
- Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2020);

A escolha se deu devido aos dicionários estarem atualizados, com apresentação de uma diversidade de palavras.

Conforme mencionado anteriormente, utilizou-se, ainda, o dicionário “Aurélia: o dicionário de língua afiada”, escrito por Vip e Libi (2006), que faz alusão ao dicionário Aurélio e traz definições de verbetes utilizados pela comunidade gay.

Os dicionários auxiliaram na identificação, registro, comparação das lexias selecionadas e foram utilizados na produção de uma tabela comparativa de significados, que serviu como base para a construção dos significados do glossário. A seguir, será apresentada uma figura ilustrativa dessa planilha.

Quadro 2 - Planilha de significados das unidades lexicais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG									
Mestrado em Variação e Mudança Linguística – POSLIN									
Planilha de Significados das Unidades Lexicais									
Unidade Lexical	Variantes	Nº de ocorrências	Ocor. por Inf	Aulete Digital	Houaiss	Ferreira	Aurélia	Definição com base no corpus	Abonação
Abusada		2		2. N. N.E. Que é atrevido, provocador.; CONFIADO;	3 B que é dado a atrevimentos; confiado, intrometido	Abusada é o feminino de abusado. O mesmo que: intrometida, confiada.	N.c.a	Adj.: Diz-se de uma gay atrevida e que menospreza as outras.	"Não abusada... abusada te dou dois tapa na sua cara e acabou".
Abontar		3		Encerar sem sentir medo; ENFRENTAR	V.t.d. e int. pôr ou estar frente a frente (com); confrontar	Fazer afronta a; injuriar.	N.c.a	V.: Enfrentar, colocar-se em competição atacando a outra pessoa	"(...) na verdade a Felipe que fazia nds afrontar".
Afronta		2	Gr. 1 - 1; Gr. 3 - 1	N.c.a	N.c.a	N.c.a	N.c.a	Subs.: ato de afrontar; enfrentar a gay	"Eu acho que é muita afronta..."
Afrontosa		2	Gr. 3 - 2	N.c.a	N.c.a	N.c.a	N.c.a	Adj.: característica da gay que tem uma atitude petulante; aquela que desafia	"A gay foi afrontosa..."
Aibã		5	Gr. 3 - 5	N.c.a	N.c.a	N.c.a	N.c.a	Adj.: policial;	"É um policial bonito. Aibã é um policial bonito. Aibã passando, gente, é um policial bonito."
Amapô	Mapô; Amapoa.	9	Gr. 1 - 2; Gr. 3 - 7;	N.c.a	N.c.a	N.c.a	(do bajubá) S.l. Termo usado para designar mulher.	Subs.: Refere-se a mulher heterossexual	"Mapô é mulher".

Fonte: produzida pelo pesquisador.

A elaboração da planilha foi de essencial importância para a análise e comparação das lexias levantadas. A planilha conta com as seguintes abas: unidade lexical, variante(s) destas unidades, número de ocorrências, ocorrências por grupo de informantes, dicionários utilizados, definição com base no corpus e abonação. As lexias dicionarizadas foram marcadas em verde e as não dicionarizadas marcadas em vermelho. Após a construção da planilha, iniciou-se o processo de análise de cada lexia, que propiciou a formulação de um glossário.

2.6 Glossário

Com a finalidade de tratar as lexias não dicionarizadas, dando a elas a devida significação, elaborou-se um glossário. Porém, para se compreender como se deu essa elaboração, será apresentada uma breve distinção entre vocabulário, glossário, e dicionários, utilizando as contribuições de Barbosa (2001).

Para Barbosa (2001), os vocabulários são construídos a partir do nível da norma e tratam de áreas específicas para a sua construção específica e lidam com vocábulos e termos também específicos, com o intuito de apresentar os termos da área de trabalho do vocabulário. Os glossários estão no nível da fala, contam com único significado para a palavra, apresentando a manifestação do verbete em determinado contexto. Já os dicionários estão no nível do sistema, de modo que apresentam o léxico da língua, apresentando os significados para determinada palavra.

Para ilustrar o que foi dito, será utilizado o exemplo da lexia *bicha*, que ocorre em algumas entrevistas. Em um dos dicionários consultados, o Houaiss, a palavra aparece com mais de trinta acepções (1. animal comprido e sem pernas; verme, larva, réptil etc. 1.1 sanguessuga; 1.2 lombriga; 1.3 tênia; 1.4 lagarta; 1.5 cobra; 1.6 víbora; 2. animal do sexo feminino. 2.1 fêmea de animal de grande porte; 3. aquilo cuja forma lembre uma bicha. 3.1 espécie de brinco anguiforme, de orelha. 4. indivíduo suscetível, irritadiço, intratável. 5. mulher da vida; meretriz. 6. fileira de pessoas (ou de qualquer coisa) dispostas umas após as outras; fila. 7. nos engenhos de açúcar, serpentina do alambique. 8. aguardente de cana; cachaça. 9. certa marca vermiforme que a contrastaria punha na prata para indicar que era de lei. 10. mola helicoidal cilíndrica, feita de arame delgado e de comprimento relativamente extenso. 11. tubo feito de fita metálica enrolada em espiral de passo muito justo. 12. transmissão metálica flexível que vai das rodas ao hodômetro do veículo automóvel; bicha do conta-quilômetros. 13. pênis; 14. parte externa do órgão genital feminino; vulva. 15. padrão com que se ornava a campânula de certos instrumentos musicais de sopro. 16. espécie de farândola; 17. brinquedo infantil dotado de uma mola e que salta quando se destampa a caixa em que fica guardado. 18. em alguns jogos, nome de uma carta. 19. cada uma das tiras de gaxeta cosidas nos vergueiros do pano para com elas ferrar (amarrar) as velas. 20. cabo curto, provido de nós espaçados, com que se batia nas pernas e nos pés dos marinheiros

para estimulá-los a subir mais depressa nas enxárcias. 21. barca de grandes dimensões e muito bem armada com canhões. 22. escaler usado pela alfândega para fiscalização e na repressão ao contrabando. 23. febre amarela. 24. herpes ou outras dermatoses. 25. qualquer doença do útero. 26. corpo de tropa. 27. galão de patente que se traz na manga da farda ou do uniforme. 28. mola espiral dos pistões. 29. ver bicha de rabear adjetivo e substantivo de dois gêneros. 30. diz-se de ou indivíduo efeminado.

No dicionário estão listados os significados encontrados, que são conhecidos e relacionados aos contextos em que eles aparecem, com a realização do registro. Para o glossário, a apresentação de apenas uma acepção dessa palavra é suficiente, ou seja, aquela que ocorre dentro do objeto analisado, de um contexto específico. Para a construção de um glossário sobre o léxico gay se recupera apenas a acepção 30 (diz-se de um indivíduo efeminado), que diz sobre o gay efeminado, segundo o que se encontrou no dicionário.

Desse modo, o glossário desta pesquisa apresentará um significado para cada lexia encontrada e ainda não dicionarizada nos dicionários pesquisados, todos fazendo referência ao contexto que foi identificado e a intencionalidade do falante quando da sua utilização. O quadro a seguir demonstra como a lexia estará posta no glossário.

Quadro 3 - Entrada das lexias no glossário

LEXIA - (dicionarizada/ não dicionarizada) • Estrutura Morfológica • Definição • Exemplo do corpus.
--

FONTE: elaborado pelo pesquisador

3 ANÁLISE DOS DADOS

Após a transcrição das entrevistas, iniciou-se uma análise quali-quantitativa dos dados. Pretende-se, com isso, apresentar as lexias identificadas, através da análise das gravações e transcrições, que colaborem com a hipótese de que a fala utilizada por gays masculinos é uma marca social e de sexualidade, havendo necessidade de descrever os dados linguísticos usados por pessoas dessa comunidade.

O levantamento e a identificação das lexias utilizadas por gays em Belo Horizonte permitiram a comparação com outros possíveis significados para essas mesmas lexias, através de consultas que foram realizadas em dicionários de língua portuguesa, tais como Aulete Digital (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2022), de modo que foi possível a verificação da existência de registros dessas palavras com diferentes utilizações ao longo do tempo. As possíveis lexias não dicionarizadas foram analisadas com o fim de contribuir para os estudos lexicográficos e lexicológicos.

3.1 Análise quali-quantitativa

Após a apresentação das informações acima que compõem a construção do léxico gay na cidade de Belo Horizonte, serão apresentados alguns dados numéricos relacionados ao processo de dicionarização, classificação morfológica e etimologia das lexias.

3.1.1 Lexias e ocorrências

Durante as entrevistas os participantes se sentiram à vontade para utilizar expressões e lexias que compõem o seu vocabulário, em alguns momentos até mesmo explicando estas unidades lexicais para os demais participantes. Tal interação propiciou a oportunidade de coletar esses elementos para analisá-los. O critério utilizado para realizar identificação dessas lexias como unidades da fala gay foi o fato de as lexias terem denotação diferente do que se encontra nos dicionários pesquisados, assumindo um novo significado que se enquadra como próprio. Apesar de 37 das lexias apresentadas terem abonação nos dicionários pesquisados, essas estão relacionadas a intenção do falante na hora da gravação.

Com o intuito de propiciar uma melhor visualização dos resultados encontrados, será apresentada uma relação das lexias, com a abonação encontrada durante as entrevistas. A ordem das lexias está relacionada, diretamente, à ordem dos grupos entrevistados: grupo um - informantes 01 a 05, grupo dois - informantes 06 a 10 e grupo três - informantes 11 a 14.

- (1) Bichinha - “Uma palavra meio bichinha” / “uma palavra bem bichinha” - INF. 02;
- (2) Bicha - “É da bicha”. “É do Gilmar, o nome dele não é menino, não é bicha”. “Mas ele é bicha, não é Gilmar? Ai é costume”. - INF. 01;
- (3) Sapatona - “É porque a irmã dele é sapatona” - INF. 02;
- (4) Viado - tipo arrasou viado” - INF. 01;
- (5) Miga - “Miga, mana, cê viu uma parte (ININT) que faz assim?” - INF. 01;
- (6) Mana - “Mas ela tá lá cinquenta anos e não evoluiu porra nenhuma, mana” - INF. 01;
- (7) Xoxá / Chochar - “Ai amiga eu não apoio esse trem de xoxá” - INF. 01;
- (8) Uó - “cê ta uó” / “Suposição, você é hetero e a gente não gostou da sua beleza, nós vamos falar nó amiga aquele ali é uó”. - INF. 04;
- (9) Barbarizando - “Tipo amiga cê ta barbarizando mesmo” - INF. 01;
- (10) Desgraçada - “Porque ela falou a João ta desgraçada. Ta desgraçada, ela é desgraçada.” / “Igual desgraça é uma coisa negativa, pra nós é positiva. Tipo, amiga você tá muito desgraça” - INF. 02;
- (11) Afrontar - “(...) na verdade a Felipe que fazia nós afrontar” - INF. 02;
- (12) Ficou feia - “Mas ela ficou feia”. - INF. 04;
- (13) Máfia - “Catando as máfia” - INF. 01;
- (14) Posuda - “Fica mais close, fica mais posuda” - INF. 04;
- (15) Babado - “pegou no meu pé babado” - INF. 01;
- (16) Demônio - “Ela é um demônio no cabelo” - INF. 04;

- (17) Mafiosa - “não gosto porque as bicha é mafiosa” - INF. 01;
- (18) Xoxe - “É tipo assim, eu to te afrontando, mas não é no xoxe é na amizade”/ “Xoxe é zuar tipo você zuar a pessoa” - INF. 01;
- (19) Atendimento - “*acabei de fazer um atendimento*” - INF. 06;
- (20) Viçosa - “Nó cês é muito viçosa” / “Viçosa é a bicha que fica caçando... Gosta muito de vício, transa todo dia, vai pro mato chupa pinto” - INF. 04;
- (21) Transuda - “Eu sou muito transuda, viado” - INF. 03;
- (22) Checar - “Ela foi no outro quarto pra falar que eu chequei ela e eu nem tinha checado” - INF. 02;
- (23) Pintaralhaço - “Nossa o wil tem um pintaralhaço, grosso tudo” - INF. 04;
- (24) Ranço - “Ah então tem um ranço” / “É, amiga eu tenho ranço de todas” - INF. 01 / INF. 04;
- (25) Peguei - “Eu não peguei ninguém além dela” - INF. 01;
- (26) Ficou - “A (...) ficou com todas” - INF. 04;
- (27) Viadeiro - “Todos viadeiro, só os viado, viado, viado. Viadeiro” - INF. 04;
- (28) Ficar puta - “Depois que vocês acabam de dançar, toca na mão uma da outra e ela fica puta” - INF. 01;
- (29) Cagando - “pra nós fazer os bofe e elas ficou cagano” - INF. 03;
- (30) Fazer - “Já fui dando meu close vou fazer os bofe também” - INF. 01;
- (31) Abuso - “xoxe, abuso, afronte” - INF. 04
- (32) Meu cu - “Igual a (...) fala, ah meu bofe ta (ININT) por causa de mim, o que eu vc vira e fala? Ai, meu cu! Viado” - INF. 02;
- (33) Cátia - “Tipo, ah ela faz a Cátia. É fazer a despercebida, tipo, hã o que aconteceu? Não to sabendo” - INF. 01;
- (34) Bucetinha - “as Bucetinha é tipo nós, nós chega no lugar ai elas fala, as ninfeta, as bucinha elas chega aqui e dá o nome delas” - INF. 01;

- (35) Bem - "Agora se a bicha ta com um menino bonito nós vamos falar assim, nó aquele é bem" - INF. 04;
- (36) Neca - "Iguale hétero não sabe o que é neca. A gente sabe o que é neca, é pinto" - INF. 04;
- (37) Edi - "A gente sabe o que é neca, é pinto. "Edi é cu" - INF. 04;
- (38) Otim - "Otim é cerveja, bebida" - INF. 01;
- (39) Racha - "Racha é perereca" - INF. 02;
- (40) Muco - "Muco é cabelo" / "Pede o muco de mapô, muco é cabelo, cabelo de garota de mulher" - INF. 03;
- (41) Amapô - Mapô é mulher - INF. 01;
- (42) Bater bolo - "*Ela ta doida pra bater bolo*" - INF. 08;
- (43) Boy - "*aí peguei e fiquei com um boy ativo*" - INF. 06;
- (44) Camponesa - "*Sou uma camponesa, sou apenas uma camponesa*" - INF. 06;
- (45) Carne - "*A gente traz a carne no meio dessas...*" - INF. 06;
- (46) Dar na cara dela - "*Eu já tinha dado na cara dela, uma já tava morta*" - INF. 06;
- (47) Destruidora - "*Bicha, a senhora é destruidora mesmo*" - INF. 07;
- (48) Emocionada - "*Não vou nem me envolver que eu emociono, eu sou emocionada*" - INF. 06;
- (49) Fazer a linha - "*Andando com quem, com você...? Você fez a linha?*" - INF. 08;
- (50) Fazer a louca - "*Depois ela vai, faz a louca, te chantageia*" - INF. 06;
- (51) Fazer o serviço - "*Pois eu fui lá e fiz o serviço, amigo*" - INF. 06;
- (52) Horrores - "*(...) gozou horrores...*" - INF. 06;
- (53) Marmita - "*Bem que eu queria achar uma marmita*" - INF. 07;

- (54) *Pé-de-pano* - "Eu que sou pé de pano..." - INF. 08;
- (55) *Resto* - "Não pego restinho não, sai fora" - INF. 06;
- (56) *Sapatonice* - "E ela relando coxa com coxa, que sapatonice é essa?" - INF. 06;
- (57) *Talarica* - "Tá me chamando de talarica" - INF. 09;
- (58) *Troca-troca* - "Que troca troca, gente, Que swing" - INF. 07;
- (59) *Truque* - "Deu truque na senhora. Deu trucão na senhora" - INF. 09;
- (60) *Truqueira* - "Essa bicha é truqueira, gente" - INF. 08;
- (61) *Afrontosa* - "A gay foi afrontosa..." - INF. 13;
- (62) *Alibã* - "É um policial bonito. Alibã é um policial bonito. Alibã passando, gente, é um policial bonito" - INF. 12
- (63) *Beth Faria* - "Tipo assim, passou um boy aqui aí eu falei assim, nossa amigo, a Beth Faria." - INF. 14;
- (64) *Branção* - "Não, né não. É uma forma pejorativa mesmo. Ó lá ó, o brancão tá vindo..." - INF. 14;
- (65) *Cajado* - "O cajado de Moisés é o pinto..." - INF. 12;
- (66) *Canta poste* - "Não tem limite (...) canta até poste." - INF. 13;
- (67) *Dar a Elza* - "Da Elza também, "da Elza" também tá muito em pauta..." - INF. 11;
- (68) *Mamífera* - "ô sua mamífera, você vai descer agora?" - INF. 14;
- (69) *Ocó* - "O ocó, amigo, cê viu? Olha o ocó, o ocó é o bofe né?" - INF. 13;
- (70) *Peguate* - "eh um amigo tinha levado um peguate dele lá pra casa" - INF. 13;
- (71) *Urso* - "ursos é aqueles homem peludo?" - INF. 14;
- (72) *Vara* - "O pau do Arão, a vara do Arão" - INF. 12.

Entre as lexias apresentadas, há algumas que ocorrem com mais frequência ao longo das entrevistas, a exemplo das lexias: *amiga* - 192 ocorrências; *bicha* - 56

ocorrências; boy - 42 duas ocorrências; viado - 23 ocorrências. Estas lexias aparecem de forma comum nas três entrevistas, com uma frequência e utilização também comum aos três grupos. Além disso, algumas ocorrências se deram mais de 10 vezes, sendo apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 4 - Lexias com frequência igual ou superior a 10

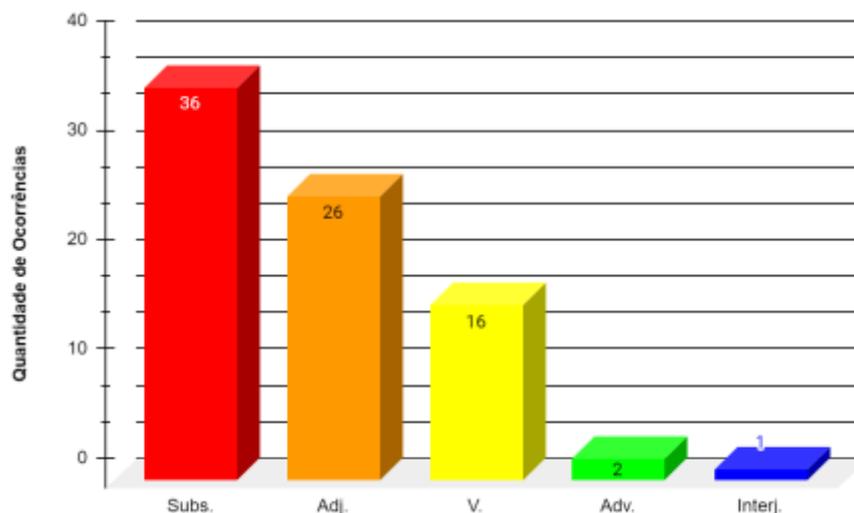
Lexia	Nº de Ocorrências	Lexia	Nº de Ocorrências
amiga	192	aquendar	18
bicha	56	ocó	16
boy	42	pegar	12
viado	23	roubar	11
outra	11	amapoa	10
miga	10	bichinha	10

FONTE: elaborada pelo pesquisador

Há lexias que ocorrem poucas vezes, a exemplo de *abusada, afrontosa, atendimento, esquema, edi, contatinho, caralho, canta poste, bucetinha, babado, barbarizou, emocionada, mafiosa, marmita, otim, ranço, resto, sapatonice, talarica, transuda, truqueira, vadiazinha, viadeiro, viçosa*, todas com duas ocorrências no corpus das entrevistas. Lexias com apenas uma ocorrência, chamadas de *hapax* pelos estudos lexicográficos, também foram registradas, a saber: *bater bolo, bem, carne, feia, Cátia, posuda*. Percebe-se que a maior ou menor quantidade de ocorrências das lexias não se deve necessariamente ao seu grau de importância dentro do léxico da comunidade gay, visto que os assuntos debatidos durante as entrevistas variavam de acordo com a colaboração dos entrevistados, suas vivências e histórias contadas.

3.1.2 Classificação gramatical das lexias

Durante a análise do corpus foram identificadas cinco classes gramaticais que compõem um total das lexias apresentadas, sendo elas substantivos, verbos e locuções verbais, adjetivos, advérbios e interjeições. As quantidades das lexias serão apresentadas no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Categoria gramatical das lexias

FONTE: elaborado pelo pesquisador.

Identificou-se que os substantivos foram utilizados com maior frequência, em relação às demais classes gramaticais, com 44,4% de utilização, conforme se pode observar em (1) e (2):

(1) “*Eu acho que é muita **afrenta**” - INF. 13.*

(2) “***Mapô** é mulher” - INF. 04.*

Em (1) o informante do grupo três se referiu a uma indignação sentida pela atitude petulante de uma gay em relação a outra. A lexia *afrenta* refere-se ao *ato de enfrentar*, praticado por uma gay, provocando a outra gay. No exemplo (2) o informante do grupo um explica, quando questionado por outro informante, o que significa a lexia *mapô*, que quer dizer *mulher heterossexual*.

A utilização dos adjetivos acontece também com maior frequência, 32,1%, como identificado em (3) e (4):

(3) “*Bicha, a senhora é **destruidora** mesmo” - INF. 07.*

(4) “*ô sua **mamífera**, você vai descer agora?” - INF. 14.*

O informante 07, do grupo dois, utiliza, em (3) a lexia *destruidora* com o objetivo de elogiar a amiga, dizendo que ela faz algo muito positivo. Em (4), o informante 14 chama a amiga de *mamífera*. Afirma que a amiga é “*praticante assídua de sexo oral, uma gay que gosta de mamar os boys*”.

A utilização de verbos e locuções verbais ocupam 19,8% das ocorrências identificadas, como apresentado em (5) e (6):

(5) “*vou fazer os bofe também*” - INF. 03.

(6) “*Ela rouba horrores*” - INF. 12.

Fazer os bofe, em (5), expressão utilizada pelo informante 03, do grupo um, utiliza o verbo *fazer* no sentido de *transar* com o bofe. Em (6), o verbo *roubar*, utilizado pelo informante 12, do grupo três, assume o sentido de *tomar para si o parceiro amoroso da amiga*.

Advérbios ocorrem em menor número – 2,5%, exemplificado por (7):

(7) “*(...) gozou horrores...*” - INF. 06.

O informante 06, do grupo dois, utiliza o advérbio *horrores* para intensificar o quanto o boy gozou na relação sexual.

A Interjeição apresenta menor ocorrência 1,2%, sendo pouco utilizados pelos falantes, como se percebe em (8):

(8) “*Ai, meu cu! Viado*” - INF. 02

Em (8), o informante 02, do grupo um, utiliza a expressão “*meu cú*” para sinalizar *que não se importa com o que a pessoa disse*.

Isso demonstra que existe uma maior utilização, no léxico gay, de elementos nominais em comparação aos elementos verbais, ficando a cargo dos substantivos a nomeação de atitudes, posicionamentos, indivíduos do grupo gay, em Belo Horizonte, sendo alguns deles: *bicha, máfia, edí, mana, amiga*. Os adjetivos foram utilizados para atribuir características próprias da fala e posturas dessas pessoas, a saber: *transuda, talarica, truqueira*; os verbos estão ligados ao que as pessoas

fazem no seu cotidiano, tais como *afrontar*, *pegar*, *fazer*. Os advérbios identificados tiveram a sua utilização realizada com o intuito de definir intensidade: *babado*, *horrores*. A única ocorrência de interjeição se deu com o intuito de demonstrar que não se importa com o que a outra gay disse: *ai*, *meu cu*, *viado!*

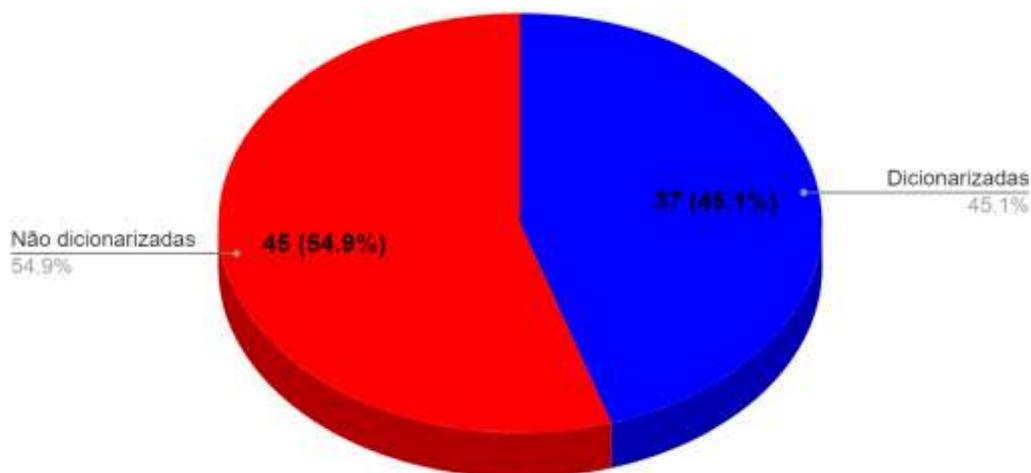
3.1.3 Dicionarização das lexias

A seguir, será apresentado um gráfico que demonstra o percentual de lexias dicionarizadas e não dicionarizadas a partir dos dicionários utilizados neste trabalho. As lexias dicionarizadas são aquelas registradas por, pelo menos, um dicionário, e as lexias não dicionarizadas são aquelas que não estão presentes em nenhum dos dicionários, demonstradas pelos exemplos (09) lexia dicionarizada e (10) lexia não dicionarizada:

(09) *Bofe* - “*Cata a unha daquele bofe, bofe é o homem*” - INF. 01.

(10) *Alibã* - “*É um policial bonito. Alibã é um policial bonito. Alibã passando, gente, é um policial bonito.*” - INF. 12.

Em (09) a lexia *bofe*, utilizada pelo informante 01, do grupo um, tem acepção encontrada em todos os dicionários pesquisados e é considerada uma lexia dicionarizada, fazendo referência, de maneira geral, ao *homem hétero*. Em (10), a lexia *alibã*, utilizada pelo informante 12, do grupo três, não apresenta acepção em nenhum dos dicionários pesquisados, sendo considerada uma lexia não dicionarizada, que faz referência a um *policial bonito*”.



FONTE: elaborado pelo pesquisador

A maioria das palavras pesquisadas, 54,9%, não contém acepção encontrada nos dicionários pesquisados. 45,1% das lexias encontram acepção nos dicionários. Isso demonstra que o léxico gay, em sua maioria, não encontra registro nos dicionários pesquisados, fazendo compreender a necessidade de inserir essas palavras e expressões nos dicionários da língua, caso elas sejam frequentes em um corpus mais amplo.

A análise das gravações propiciou o reconhecimento de individualidades, semelhanças e diferenças entres os grupos pesquisados, que acontecem na esfera da interação, na utilização de expressões e lexias, assim como no modo de se colocar socialmente. A seguir, serão apresentadas características próprias de cada grupo e as semelhanças e diferenças entre eles.

A gravação da entrevista do grupo um – gays de 18 a 29 anos, teve duração de uma hora e cinco minutos, a transcrição alcançou o número de 7.479 palavras. Percebeu-se que o grupo já tinha afinidade entre os membros, desenvolvem a mesma atividade e utilizam a linguagem de forma livre e desprendida de preconceitos. A presença do pesquisador não causou incômodo, que se manteve, a maior parte do tempo, ouvindo as histórias contadas. Conseguiu-se identificar, das

setenta e duas (72) lexias levantadas, a utilização de quarenta e quatro (44) por esse grupo.

O grupo dois – gays de 30 a 49 anos, contou com uma gravação de uma hora e dois minutos, 9.126 palavras foram levantadas durante a transcrição. A interação deste grupo foi espontânea e marcada por dois momentos: 1. Três informantes chegaram no horário marcado e deu-se início a uma conversa informal e iniciou-se a gravação. 2. Os demais informantes chegaram uma hora depois e uma nova gravação foi iniciada, sendo esta última gravação utilizada nesta pesquisa. Percebeu-se que dois dos informantes não conheciam o restante do grupo e isso fez com que eles não se sentissem muito à vontade para falar de forma espontânea, o que melhorou um pouco ao final da gravação. O grupo fez a utilização de vinte e três lexias que compõem o corpus desta pesquisa.

A gravação do grupo três – gays de 50 anos ou mais - durou uma hora e trinta e seis minutos e a transcrição contou com 14.934 palavras. Apesar de ter sido o menor grupo em número de informantes, os diálogos aconteceram de forma tranquila e divertida, conseguindo a espontaneidade da maioria dos presentes. O número de ocorrências das lexias relacionadas ao modo de fala gay foi de quatorze (14).

As semelhanças percebidas na forma de falar dos grupos é que a comunidade gay tem uma forma de se expressar e utiliza a linguagem para marcar esses momentos. A interação em todas as gravações foi marcada por momentos de muito riso, insinuações pessoais e coletivas, brincadeiras e cantadas entre alguns integrantes. A marca forte percebida é que os grupos tendem a interagir de forma mais expressiva quando estão contando as experiências vivenciadas depois que se compreenderam como homens gays. Todas as histórias contadas terminaram com alguma frase expressiva, de efeito, que causava reações inusitadas. Exemplo disso é quando um dos informantes relatou que, junto com dois amigos gays, pulou o muro de um terreno baldio para “aqueclar o boy”, e percebeu que o rapaz estava armado, o que causou nele uma mistura de medo e *frisson*: “Ela teve que pular o muro, pra pular a árvore, pra cair do outro lado do clube. Chegou lá ele ainda gozou na cara da bicha e na cara da outra” - INF. 02.

As diferenças identificadas é que os jovens, por serem mais próximos, utilizaram as lexias gays com mais frequência que os adultos e pessoas com mais

de 50 anos, agindo com maior liberdade e sem preocupações com o que a sociedade vai dizer sobre eles, sobre o que falam e como se portam. A timidez, no trato com o outro, foi percebida em maior número entre os gays mais velhos, devido à falta de uma maior interação e conhecimento entre os informantes, em relação aos mais novos, um fator relevante para a coleta de dados desta pesquisa.

Como percebido ao longo desta pesquisa, o léxico gay – termos e expressões criadas e/ou adotadas pela comunidade gay –, além de revelar uma identificação própria e coletiva, propicia formas para se relacionar, se expressar e discutir questões específicas que dizem de enfrentamentos de muitos preconceitos que estão inseridos nos segmentos da sociedade atual. Machado (2007) contribui com essa afirmação ao dialogar sobre a constituição de identidades coletivas em torno de organizações da comunidade LGBT. Ao criar e propagar a utilização de um léxico próprio, a comunidade gay potencializa e dá visibilidade ao grupo LGBT, como ação de demonstrar que existem outras formas de utilização da linguagem, que existem outras formas de significações de pessoas e grupos, que existem outras identidades, contribuindo para minimizar preconceitos através da linguagem, tendo em vista que, como afirma Silva (2019), a comunidade LGBT está à margem de uma sociedade extremamente preconceituosa. Travaglia (2002) propõe que a caracterização da língua se dá pela diversidade ou pelas variações de cada comunidade. Logo, este estudo apresenta a utilização de uma linguagem com lexis específicas, que são utilizadas para descrever suas experiências, desafiar estereótipos e propor uma compreensão mais ampla e respeitosa.

Desse modo, percebe-se que a teoria de variação e mudança linguística, proposta por Weinreich, Labov, Herzog (2006[1968]) e Coelho *et al.* (2015), às afirmações de Biderman (1998), Isquierdo (2001) e Fernández Moreno (2009) sobre variação lexical lexicologia, lexicografia e o léxico gay estão interligados, pois apontam como a linguagem evolui, inclui e reflete as identidades e culturas das comunidades. Validando essa ideia, Ferraz *at al.* (2017) afirma que os contextos sociais podem engatilhar comportamentos linguísticos específicos. A criação e disseminação de um léxico específico para a comunidade gay pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão, para dar visibilidade para a forma colorida de falar do grupo em questão, e para propiciar uma promoção da igualdade possível entre a sociedade.

4 GLOSSÁRIO DAS LEXIAS GAYS

Com o objetivo de organizar os verbetes identificados como parte do léxico gay, em Belo Horizonte, e que não estão dicionarizados, organizou-se o presente glossário, com base em critérios, que serão apresentados a seguir:

1. Ordem alfabética: as lexias estão grafadas com letras maiúsculas e em negrito.
2. Os substantivos e os adjetivos foram registrados da forma como ocorreram nas entrevistas, ao passo que os verbos foram registrados no infinitivo.
3. A categoria gramatical se encontra após cada lexia, seguindo a seguinte classificação: APRESENTAR A CLASSIFICAÇÃO UTILIZADA;
4. Após a categoria gramatical, é apresentada, quando foi possível encontrar, a etimologia das lexias, consoante o dicionário Houaiss (2012).
5. Apresenta-se, a seguir, o significado da palavra, a partir do sentido empregado no contexto da entrevista.
6. Em seguida, apresenta-se um trecho da entrevista que exemplifica a ocorrência da lexia como ela foi identificada.

4.1 Glossário

A -

AFRONTA - (não dicionarizada) . Subs.: ato de afrontar; enfrentar a gay; petulância.

- *"Eu acho que é muita afronta..."* - INF. 13;

AFRONTOSA - (não dicionarizada). Adj.: característica da gay que tem uma atitude petulante; aquela que desafia.

- *" A gay foi afrontosa..."*. - INF. 13;

ALIBÃ - (não dicionarizada). Adj.: policial;

- *"É um policial bonito. Alibã é um policial bonito. Alibã passando, gente, é um policial bonito."* - INF. 12;

AQUENDAR - (não dicionarizada). V.: dar em cima do boy; cantar o homem;

- *"Aquenda o bofe, aquenda o bofe."* - INF. 12;

ATENDIMENTO - (não dicionarizada). Subs.: ter relações sexuais com o boy.

- *"acabei de fazer um atendimento"*. - INF. 06;

B -

BATER BOLO - (não dicionarizada). Loc. V. : ato de se masturbar.

- *"Ela ta doida pra bater bolo"* - INF. 08;

BEM - (dicionarizada). Adj.: Diz-se de alguém bonito, apessoado, dotado de beleza.

- *"Agora se ta com um menino bonito nós vamos falar assim, nó aquele é bem"*.
- INF. 04;

BETH FARIA - (não dicionarizada). Loc.V.: forma utilizada para dizer, de maneira discreta, que se relacionaria amorosamente com o boy que está passando.

- *"Tipo assim, passou um boy, aqui aí eu falei assim, nossa amigo, a Beth Faria."* - INF. 14;

BRANCÃO - (dicionarizada). Adj.: Homem gay; viado; que mantém relações com uma pessoa do mesmo sexo.

- *"Não, né não. É uma forma pejorativa mesmo. Ó lá ó, o brancão tá vindo..."* - INF. 14;

BUCETINHA - (não dicionarizada). Subs.: Refere-se a homossexuais de pouca idade; novinhas;

- *"as Bucetinha é tipo nós..."* - INF. 01;

C -

CAJADO - (não dicionarizada). Subs.: pênis do ocó.

- *"O cajado de Moisés é o pinto..."* - INF. 12;

CANTA POSTE - (não dicionarizada).Adj: gay que dá em cima de inúmeros outros.

- *"Não tem limite (...) canta até poste"* - INF. 13;

CAMPONESA - (não dicionarizada). Adj.: bicha que finge ter hábitos simples, inocentes e singelos.

- *"Sou uma camponesa, sou apenas uma camponesa"* - INF. 06;

CARNE - (não dicionarizada). Subs.: o boy; homem pelo qual se tem interesse sexual.

- *"A gente traz a carne no meio dessas..."* - INF. 06;

D -

DAR A ELZA - (não dicionarizada). Loc.V.: se apropriar de algo que não lhe pertence; roubar.

- *"Da Elza" também, "da Elza" também tá muito em pauta..."* - INF. 11;

DAR NA CARA DELA - (não dicionarizada). Loc.V.: proferir ofensas à gay atrevida; agressão física.

- *"Eu já tinha dado na cara dela, uma já tava morta"* - INF. 06

DEMÔNIO - (não dicionarizada). Adj.: Que desenvolve bem uma habilidade;

- *"Ela é um demônio no cabelo"* - INF. 04;

DESGRAÇADA - (dicionarizada). Adj.: Aquela que desenvolve algo de forma positiva, performática;

- *"Igual desgraça é uma coisa negativa, pra nós é positiva. Tipo, amiga você tá muito desgraçada".* - INF. 02;

DESTRUIDORA - (não dicionarizada). Adj.: uma gay que arrasa, no sentido positivo, onde chega.

- *"Bicha, a senhora é destruidora mesmo"* - INF. 07;

E -

ESQUEMA - (não dicionarizada). Subs.: pessoa com quem se tem um contato sexual; pessoa com quem se fica.

- *"Ela tá com algum esquema..."* - INF. 08;

EMOCIONADA - (não dicionarizada). Adj.: bicha que se apaixona fácil pelo tratamento recebido pelo boy.

- *"Não vou nem me envolver que eu emociono, eu sou emocionada"* - INF. 06;

F -

FAZER A LINHA - (não dicionarizada). Loc. V.: quando a gay finge ser aquilo que não é.

- *"Andando com quem, com você...? Você fez a linha?"* - INF. 08;

FAZER A LOUCA - (não dicionarizada). Loc. V.: se fazer de desentendida.

- *"Depois ela vai, faz a louca, te chantageia".* - INF. 06;

FAZER O SERVIÇO - (não dicionarizada). Loc. V.: atender sexualmente o boy.

- *"Pois eu fui lá e fiz o serviço, amigo"* - INF. 06

FICOU FEIA - (não dicionarizada). Loc. Adj.: Passar vergonha em determinado momento;

- *"Mas ela ficou feia"* - INF. 04.

K -

KÁTIA - (dicionarizada). Subs.: Fingir que não viu algo ou alguém para evitar determinada situação.

- *"Tipo, ah ela faz a Kátia. É fazer a despercebida..."* - INF. 01;

M -

MÁFIA - (não dicionarizada). Subs.: Prática de algo ruim; articulação para prejudicar alguém.

- *"Catando as máfia"* - INF. 01;

MAFIOSA - (dicionarizada). Adj.: Aquela que age com máfia; perigosa;

- *"não gosto porque as bicha é mafiosa"* - INF. 01;

MAMÍFERA - (não dicionarizada). Adj.: gay que pratica sexo oral; aquela que mama a neca do boy.

- *"ô sua mamífera, você vai descer agora?"* - INF. 14;

MARMITA - (não dicionarizada). Subs.: gay que participa da vida sexual de um casal; forma de se referir a quem participa de ménage.

- *"Bem que eu queria achar uma marmita"* - INF. 07;

MEU CU - (não dicionarizada). Interj.: Expressão utilizada para sinalizar que não se importa com o que a outra pessoa disse.

- *"Ai, meu cu! Viado"* - INF. 02;

MUCO - (não dicionarizada). Subs.: Cabelo.

- *"Muco é cabelo"* - INF. 03.

O -

OCÓ - (não dicionarizada). Subs.: homem hetero; bofe;

- *"O ocó, amigo, cê viu? Olha o ocó, o ocó é o bofe né?"*.- INF. 13;

P -

PRA CARALHO - (não dicionarizada). Adj.: Usado para demonstrar intensidade.

- *"Uma pessoa que dança pra CARALHO!"* - INF. 02;

PEGUETE - (não dicionarizada). Subs.: Indivíduo com que se mantém encontros amorosos sem necessidade de compromisso.

- *"eh um amigo tinha levado um peguete dele lá pra casa"* - INF. 13;

PÉ-DE-PANO - (não dicionarizada). Adj.: Bicha que toma o namorado da outra na surdina.

- *"Eu que sou pé de pano..."* - INF. 08.

PINTARALHAÇO - (não dicionarizada). Subs. aument.: Pênis avantajado, grande.

- *"Nossa o wil tem um pintaralhaso, grosso, tudo"* - INF. 04.

R -

RESTO - (não dicionarizada). Subs.: Diz-se de pegar o boy que a amiga já pegou;

- *"Não pego restinho não, sai fora"* - INF. 06.

S -

SAPATONICE - (não dicionarizada). Subs.: quando dois homossexuais passivos resolvem se envolver.

- *"E ela relando coxa com coxa, que sapatonice é essa?"* - INF. 06;

T -

TRANSUDA - (não dicionarizada). Adj.: Que se dá ao vício sexual; gosta de sexo; transa muito.

- *“Eu sou muito transuda, viado”* - INF. 03;

TRUQUEIRA - (não dicionarizada). Adj.: bicha mafiosa; aquela que age com má fé.

- *“Essa bicha é truqueira, gente”* - INF. 08

V -

VADIAZINHA - (não dicionarizada). Adj.: Gays que mantêm prática sexual com vários parceiros; aquela que pega geral.

- *“Tipo a bicha pode ser a vadiazinha que for...”* - INF. 01;

VARA - (não dicionarizada). Subs.: órgão genital masculino; pinto; pênis.

- *“O pau do Arão, a vara do Arão”* - INF. 12;

VIADIEIRO - (não dicionarizada). Subs.: Relacionado a um grupo de viados; vários homossexuais reunidos.

- *“Todos viadeiro, só os viado, viado, viado. Viadeiro”* - INF. 04.

VIÇOSA - (não dicionarizada). Adj.: Aquela que se dá ao vício sexual; Indivíduo ligado ao sexo de forma excessiva;

- *“Viçosa é a bicha que fica caçando... Gosta muito de vício, transa todo dia, vai pro mato chupa pinto”* - INF. 04;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou a identificação e análise do léxico utilizado por homens gays na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, fazendo o levantamento de lexias utilizadas no falar espontâneo coletado durante rodas de conversas, através da estratificação de idade, o que propiciou identificar se existem lexias comuns aos três grupos específicos, assim como a sua utilização.

Para isso, foram entrevistados 14 homens gays, divididos em três grupos específicos, sendo eles: grupo 1 – 18 a 29 anos; grupo 2 – 30 a 49 anos; grupo 3 – mais de 50 anos. Foi utilizada a metodologia de grupo focal, em ambiente familiar para a maioria dos participantes, com a utilização de roteiro semiestruturado com questões que versavam sobre a noite gay em Belo Horizonte, relacionamentos, interesses particulares e coletivos e o contato com lexias comuns aos ambientes frequentados pelos informantes. Após as gravações, realizou-se a transcrição e identificação das lexias, que culminou na produção de uma planilha comparativa entre as acepções de dicionários de língua portuguesa. Identificou-se um total de 82 lexias, das mais variadas formas de interação possíveis: forma de tratamento entre amigos, xingamentos e expressões voltadas a necessidade de intensificar falas e situações, referências a algo ou alguém específicos etc.

O primeiro capítulo apresentou reflexões teóricas que embasaram esta pesquisa, perpassando por estudos da variação e mudança linguística, variação de registro, grau de formalismo, modo e sistema da língua, variação dialetal, léxico – lexicologia e lexicografia –, panorama sócio-histórico sobre a comunidade gay, e o léxico gay – no Brasil e em Belo Horizonte.

O segundo capítulo contém a metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa. Foi realizada uma pesquisa de campo, de acordo ao que propõe Labov (2008 [1972]), com a realização de entrevistas com três grupos específicos de homens gays, estratificados pelo fator idade, de diferentes escolaridades e profissões distintas, além das transcrições das entrevistas realizadas. Estas entrevistas possibilitaram a identificação e análise da forma de falar de um grupo de gays em Belo Horizonte – MG. As lexias foram postas em uma planilha para a comparação do significado apresentado por quatro diferentes

dicionários de língua portuguesa, sendo um deles com lexias específicas do falar gay.

O terceiro capítulo foi construído com a análise qualitativa e quantitativa dos dados apresentados. A partir da descrição e análise das lexias identificadas, foi possível enumerar e apresentar o quantitativo de ocorrências de cada lexia. Percebe-se, neste capítulo, que a proximidade entre os informantes é fator crucial para que se sintam à vontade para utilizar a linguagem como costumam utilizar no cotidiano.

Por último, no quarto capítulo foi possível realizar a construção de um glossário, produto final desta dissertação, composto pelas palavras que não apresentam acepção nos dicionários pesquisados, ou que a acepção não é suficiente para essa produção. Percebeu-se uma riqueza nas utilizações de termos e expressões que edificam os falares entre os homens gays, que participaram das entrevistas.

Este trabalho demonstrou que existe a utilização de lexias que fazem parte de um falar específico, através de um léxico construído a partir da espontaneidade e dos momentos de informalidade e descontração, que reflete os saberes construídos, as relações de amizade entre os falantes e a interação que eles podem ampliar com as palavras que usam. O falar gay se torna uma forma de identificação social, coletiva, na cidade de Belo Horizonte - MG. Esta pesquisa faz perceber que os gays utilizam lexias, com significações próprias, entre o grupo do qual fazem parte e também fora dele, com o desejo de reconhecimento de elementos essenciais para estarem em sociedade, principalmente em uma sociedade marcada por inúmeros preconceitos.

A linguagem se torna um mecanismo de transformação. As inúmeras formas de falar, a forma colorida que homens gays utilizam para construir seus discursos faz reverberar o desejo de compreender mais as inúmeras maneiras que a língua se constrói dentro das comunidades e, principalmente na construção das suas identidades e no seu estar social. Aqui não está apenas um compilado de palavras, mas a identificação e a resistência de grupos que utilizam as significações das lexias como marca forte de resistência. Está posta aqui uma forma colorida de falar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos *et al.* Bajubá: linguagem de grupo LGBTTT como representação sócio-histórica e cultural. **Revista Desafios**, 5, n. 4, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.23593652201854p36> . Acesso em 02 mar. 2022.

AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete digital**. 2008. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

CAPLAN, Stanley. **Using focus group methodology for ergonomic design**. *Ergonomics*, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Homossexualidade: um conceito preso ao tempo**. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012.

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 2001.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Dicionário, vocabulário, glossário: concepções**. In: ALVES, Ieda Maria (org.). *A Constituição da normalização terminológica no Brasil*, 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza. **Iniciação à Lexicologia: subsídios para uma teoria da palavra**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. Da UFMS, 2004, p.185-200. V. II.

BOWEN, J. Donald. A múltiple register approach to teaching english. *In: Estudos linguísticos*, v. 1, n. 2. São Paulo, Centro de Linguística Aplicada/Instituto de Idiomas Yázigi, p.35-44. [Tradução: Da variação múltipla de registro no ensino de inglês. In: SOARES, Magda (org.). **Didática de português**. Belo Horizonte.: Opus, 1972. p.101-114.]

BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose; ESPINAR, Gema Sanz. **Coleta, transcrição e análise de produções orais**. Santa Maria: PPGL Editores, Letras, p. 69-84, n. 21. 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPLAN, S. **Using focus group methodology for ergonomic design**. *Ergonomics*, v. 33, n. 5, p. 527-533, 1990. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00140139008927160> . Acesso em 02 mar. 2022.

CARVALHO, Dannel da Silva; ALMEIDA, Rafael Gurgel. Autopercepção e identidade linguística em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. **Sociodialeto**, v. 7, p. 82-98, 2017.

CATÁLOGO CAVIV: **Orientações, conceitos e serviços de acesso aos direitos humanos no Município de Belo Horizonte**. 3. ed. Belo Horizonte, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FACCHINI, Regina. **Movimento homossexual no Brasil**: recompondo um histórico. *Cad. AEL*, v. 10, n. 18. 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. Trad. Maria da Glória Ribeiro da Silva. *In*: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.). Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 99-118, 1974 *apud* LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística?** Desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.

FERRAZ, Deivid Luiz de Souza *et al.* A fala de gays sertanejos: aproximações e distanciamentos discursivos de duas gerações. **Bagoás – Estudos gays: Gêneros e Sexualidades**, 10, p. 203-222, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FONSECA, Carlos Magno Silva. **Entre a militância e a gestão pública:** Contribuição dos movimentos sociais na construção das Políticas públicas para LGBT na cidade de Belo Horizonte (MG). São Paulo: 127p. Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais / Fundação Perseu Abramo, 2020.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Documentação sociolinguística:** coleta de dados e ética em pesquisa. São Cristóvão: UFS, 2017.

GREEN, James N. **Além do Carnaval:** homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 2. ed. Tradução: Cristina Fino, Cássio Arantes Leite. São Paulo: Unesp, 2019.

HALLIDAY, M. A.K.; McINTOSH, Angus; STREVENS, Peter. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2012. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1. Acesso em: 02 mar. 2022.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Vocabulário do seringueiro:** campo léxico da seringa. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística?** Desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador: Devires, 2017.

MACHADO, Frederico Viana. **Muito além do arco-íris**. A constituição de identidades coletivas entre a sociedade civil e o estado. Belo Horizonte: 308p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Editora Afiliada, 2003.

MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie: domaine français**. Nouv. éd. Paris: Didier, 1973.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.

MOTT, Luiz. **Dicionário Biográfico**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1999.

OLIVEIRA, Gilmar Araujo de. **Variação Linguística Gay: uma forma colorida de falar**. 78p. Monografia (Graduação em Letras – Português e suas Literaturas) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte – FACISABH. Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Gracinéa Imaculada de. **Estudos do Vocabulário do Vestuário Setecentista de Minas Gerais**. 234p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

PODESVA, Robert J; ROBERTS, Sara J; CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Sharing Resources and Indexing Meanings in the Production of Gay**. Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice. Panamá, 2001.

QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. Vestígios de protoativismo LGBTQIA em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. Belo Horizonte, vol. 01, n. 04, p. 62-76, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh> .

SILVA, Giovana Pires da. **Dialeto e homossexualidade na sociedade contemporânea**: um estudo na cidade de Tefé. Artigo de Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura em Letras, Universidade do Estado do Amazonas, Tefé - AM, 2019.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2002.

VILELA, Mário. **Lexicologia e semântica. Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Bispo, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Título do Projeto: UMA FORMA COLORIDA DE FALAR: estudo sociolinguístico do léxico gay em Belo Horizonte

Prezado Senhor (a):

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

Apresentação do pesquisador:

O meu nome é Gilmar Araujo de Oliveira, tenho 34 anos, sou natural da cidade de Bom Jesus da Lapa (BA) e, atualmente, faço mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de estudar as diferentes formas de falar utilizadas por homossexuais masculinos em Belo Horizonte, de modo específico, uma tentativa de identificar fenômenos lexicais que possam ocorrer na fala gay. Posteriormente, os dados coletados serão transcritos e utilizados em análises linguísticas da língua falada por essa comunidade. Você foi selecionado porque pode colaborar com essa pesquisa, e sua participação não é obrigatória.

2) Procedimentos do estudo

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em participar das conversas que serão gravadas somente por meio de áudio e em caráter particular com o pesquisador, sendo que cada conversa terá a duração mínima de 45 minutos. Essas conversas serão conduzidas por meio de um roteiro de entrevista previamente elaborado pelo pesquisador, cujos assuntos são: noite boêmia de Belo Horizonte, relações afetivas, artistas que se apresentam na noite, jargões e gírias faladas por homossexuais. Os registros de áudio serão mantidos durante um período mínimo de 05 anos em arquivo digital sob a responsabilidade do pesquisador. Após esse tempo, esse material gravado poderá ser descartado.

3) Riscos e desconfortos

Consideramos que o risco possível para sua participação neste estudo é algum tipo de desconforto que possa ocorrer no momento das conversas gravadas. Caso isso aconteça, o participante pode interromper a participação a qualquer momento. Esclarecemos que todos os procedimentos serão feitos conforme sua disponibilidade e se, eventualmente, esta pesquisa lhe causar qualquer tipo de

insatisfação, o pesquisador compromete-se a reparar o fato, ou prover meios para a reparação, ou seja, o participante tem direito a buscar indenização por parte do pesquisador caso se sinta prejudicado ao participar da pesquisa. As conversas serão gravadas no município de Belo Horizonte (MG). O local específico de cada gravação dependerá da escolha do informante, tendo-se em vista a sua liberdade e conforto (casa, espaços de reuniões, bares, ambiente de trabalho etc.).

6) Caráter confidencial dos registros

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o perfil de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado(a) quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. As gravações comporão o *corpus* de uma dissertação de mestrado e todas as informações que possam vir a identificá-lo(a) serão mantidas em total sigilo. Seu nome, endereço e outras informações pessoais não serão divulgados e não constarão em nenhum trabalho científico que for decorrente da análise dos dados desta pesquisa.

No entanto, caso você autorize, esta gravação e/ou sua respectiva transcrição serão publicadas em obra científica ou em apresentação de trabalho em congresso. Você tem total liberdade para autorizar ou não:

- autorizo a publicação da gravação e da transcrição;
- autorizo a publicação somente da () gravação () transcrição;
- não autorizo a publicação nem da gravação nem da transcrição.

7) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Deixamos claro que você não terá nenhum ressarcimento financeiro ao participar da pesquisa, assim como não terá nenhum prejuízo. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor informar ao pesquisador.

8) Informações

Em caso de dúvida e eventuais esclarecimentos é possível entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo telefone 3409-4592, por email coep@prpq.ufmg.br ou no seguinte endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005. CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

O pesquisador responsável poderá fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome do pesquisador: Gilmar Araujo de Oliveira

Endereço: Rua Andesita, 410 – União – Belo Horizonte/MG. Cep.: 31.170-480

Telefone: (31) 97540-6753

E-mail: gilmarserra2009@gmail.com

9) Declaração de Consentimento

Li, ou alguém leu para mim, as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma): _____

Assinatura do participante

Data: _____

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data: _____